



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

JOGIANE DE MOURA CHRISOSTHEMOS

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
Análise na EMEIF Engº. Francisco Barros em Itaituba- Pará**

**ITAITUBA – PA
2021**

JOGIANE DE MOURA CHRISOSTHEMOS

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
Análise na EMEIF Engº. Francisco Barros em Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de
Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA – PA
2021

ACADÊMICA: JOGIANE DE MOURA CHRISOSTHEMOS

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Análise na
EMEIF Engº. Francisco Barros em Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de
Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz. Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____
Profa. Lucia Maria da Costa Cruz. Esp.

Avaliadora 1: _____ **Nota:** _____
Prof.^a. Edilane da Silva Melo, Esp

Avaliador 2: _____ **Nota:** _____
Prof.^a. Reuma de Sá Almeida Barros, Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 23 de fevereiro de 2021.

À minha amorosa família que dedicou a mim o apoio necessário, a motivação e carinho e ao meu Deus por me conceder graça, auxílio, coragem e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado oportunidade, força de vontade, inteligência e sabedoria e, em todos os momentos difíceis tem me ajudado imensamente;

Ao meu esposo Izaque Trindade Chrisosthemos, que muito me incentivou e ajudou tendo compreensão e paciência em todo o período de estudos e acadêmico;

Às minhas filhas Jécica de Moura Chrisosthemos e Jisely de Moura Chrisosthemos;

A minha mãe Maria Nilza Bastos de Moura;

Ao meu pai José Leitão de Moura;

A todos os professores do curso de Pedagogia pela grande contribuição para a minha vida profissional, especialmente ao Dr. Professor Francisco Cláudio coordenador e professor do curso de Pedagogia pelo compromisso, empenho e dedicação para com todos os acadêmicos, como também à Faculdade de Itaituba que abriu portas para proporcionar os conhecimentos necessários a esta conquista;

À minha professora e orientadora Lúcia Maria da Costa Cruz pelo apoio, mediação, motivação e disponibilidade na orientação, sou imensamente grata;

Ao grupo da qual fiz parte em diversos trabalhos, estágios e atividades acadêmicas pelas quais compartilhamos conhecimentos e experiências por meio da amizade, solidariedade, carinho, respeito e a amável maneira de ser e de tratar a todos;

Aos colegas e amigos da escola Engenheiro Francisco Barros pelos incentivos e apoio recebidos durante os anos de estudo e durante esta pesquisa;

Agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“Ensinar e aprender demanda produção diferenciada de sentidos e construção de regras comuns para a sua comunicação”.

(Suzana Schwartz, 2012)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetiva analisar os desafios da leitura e da escrita e os fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem de professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde foi realizado uma pesquisa de campo, para melhor entendimento na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Engenheiro Francisco Barros no Distrito de Campo Verde município de Itaituba Pará. Como procedimento metodológico inicialmente foi elaborado uma pesquisa bibliográfica, com a temática leitura e escrita tendo como base alguns autores que fazem abordagem sobre esse assunto e a problemática levantada na pesquisa. As questões que nortearam este trabalho consistem em: Quais desafios os professores encontram no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita? A escola está preparada para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos? A seguir a pesquisa de campo de cunho qualitativo, no período de Setembro de 2020 desenvolvida por meio de questionários individuais a cinco professores da referida escola e assim, pôde ocorrer a coleta e análise de dados e os resultados com discussões e respectivos comentários; havendo a necessidade de propostas contribuintes para o desenvolvimento da aprendizagem e conhecimento do sujeito dando ênfase à leitura e escrita. A conclusão proporcionou compreender que as principais dificuldades de ensino e aprendizagem da leitura e escrita tem sido principalmente para os alunos que não se sentem motivados em realizar a leitura, ou que não se habilitam a esta prática; aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagens específicas da leitura, como a dislexia; e aqueles em que os pais não contribuem efetivamente na educação escolar de seus filhos, e a falta de recursos suficientes e apropriados para alfabetização dos alunos constituindo assim, preocupações nos professores, pelas razões apontadas, o professor comprometido, motivado, deve manter o foco e aprimorar cada vez mais seus conhecimentos sem busca de facilitar e motivar a aprendizagem da leitura e da escrita para solucionar os problemas que se apresentam no cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Leitura. Desafios. Aprendizagem.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) aims to analyze the challenges of reading and writing and the factors that interfere in the teaching-learning process of teachers and students in the early years of Elementary School, where a field research was carried out to improve understanding at the Municipal School of Infant and Elementary Education Engenheiro Francisco Barros in the District of Campo Verde municipality of Itaituba, Pará. As a methodological procedure, a bibliographic research was initially prepared, with the theme of reading and writing based on some authors who approach this subject and the problem raised in the research. The questions that guided this work consist of: What challenges do teachers encounter in the teaching process learning to read and write? What methodologies are used to develop reading and writing skills? Is the school prepared for students' learning development? Then, the qualitative field research, in the period of September 2020, developed through individual questionnaires to five teachers of the referred school and, thus, it was possible to collect and analyze data and the results with discussions and respective comments; with the need for proposals that contribute to the development of the subject's learning and knowledge, emphasizing reading and writing. The conclusion provided an understanding that the main difficulties in teaching and learning reading and writing have been mainly for students who do not feel motivated to read, or who do not qualify for this practice; those who have specific learning difficulties in reading, such as dyslexia; and those in which parents do not contribute effectively to their children's school education, and the lack of sufficient and appropriate resources for students' literacy, thus constituting concerns for teachers, for the reasons indicated, the committed, motivated teacher must remain focused and increasingly improve their knowledge in order to facilitate and motivate the learning of reading and writing to solve the problems that arise in the school routine.

KEYWORDS: Writing. Reading. Challenges. Learning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Para você, o que significa a linguagem da leitura e escrita para o sujeito?.....	57
QUADRO 02	Quais os desafios da leitura e escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?	58
QUADRO 03	Quais metodologias são utilizadas para o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita?	60
QUADRO 04	O lúdico tende a facilitar a aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais? Por quê?	61
QUADRO 05	A escola está preparada para desenvolver a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta.....	63
QUADRO 06	Como você lida com as dificuldades de aprendizagem dos alunos?	64
QUADRO 07	Os pais contribuem para a educação e aprendizagem de seus filhos? Comente.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA	14
1.1 CONCEITO DE LETRAMENTO	14
1.2 FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA	19
1.3 DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA	27
1.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA	34
2 DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E A ESCRITA NOS ANOS INICIAIS.....	39
2.1 DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA	39
2.2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO	42
2.3 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR	46
2.4 CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR	49
3 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS: ANÁLISE NA EMEIF ENGº. FRANCISCO BARROS EM ITAITUBA- PARÁ	53
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	53
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	55
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	56
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	67
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	74

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema: Desafios da leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Análise na E.M.E.I.F. Engenheiro Francisco Barros. Tem como principal objetivo analisar os desafios da leitura e da escrita e os fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem de professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando que as habilidades de ler e escrever são de suma importância para o desenvolvimento escolar do aluno, no decorrer da vida do ser humano e o seu uso nas práticas sociais.

Nesse contexto, desde o Ensino Infantil, e nos três primeiros anos do Ensino Fundamental é essencial que a alfabetização ocorra gradualmente para que no final do 3.º ano, os alunos possam estar completamente alfabetizados, visando que as capacidades linguísticas e comunicativas também sejam desenvolvidas para que a dificuldade de aprendizagem da língua escrita não se concentre no início da escolarização, fato que tem provocado fracassos em seu percurso. É nessa fase que as crianças demonstram serem mais curiosas e interessadas em aprender daí que o professor deve incentivar ainda mais utilizando seus conhecimentos.

Para a elaboração, organização e conclusão deste estudo, inicialmente houve o uso da pesquisa bibliográfica por meio do levantamento teórico para o desenvolvimento com os seguintes teóricos: Azeredo; Pizetta, (2016), Gil (2008), Lopes, (2016), Rojo, (2009), Schwartz, (2012), SILVA; (2013), entre outros que complementam as dificuldades e possibilidades do ensino e aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais. Foi utilizada a pesquisa de campo que se trata de uma abordagem qualitativa que teve como foco a leitura e a escrita norteadas pelas seguintes questões: Quais desafios os professores encontram no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita? A escola está preparada para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos?

A pesquisa de campo foi desenvolvida no período de setembro de 2020, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Engenheiro Francisco Barros. Para a finalização da pesquisa em estudo, o foco participante foram (05) professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental que contribuíram positivamente o referido estudo.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, onde o primeiro aborda o processo de aprendizagem da leitura e escrita, sendo os tópicos: conceito de letramento, função social da leitura e escrita, desenvolvimento de aprendizagem, e a importância da leitura e da escrita.

O segundo capítulo relata sobre os desafios da aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais, as dificuldades de leitura e escrita na escola, a escola e o desenvolvimento do sujeito, a intervenção pedagógica do professor e as contribuições da família no contexto escolar.

O terceiro capítulo traz o resultado da pesquisa sobre os desafios da leitura e escrita com a caracterização da escola investigada, procedimentos metodológicos, perfis dos entrevistados, coleta de dados e análise da pesquisa, discussões, comentários, e as propostas contribuintes como também a conclusão e os referenciais bibliográficos.

Percebe-se a importância da análise da pesquisa, pois, faz com que haja o aperfeiçoamento e a compreensão do trabalho do educador mediador que é dialogar, incentivar, motivar, pais e alunos por meio da utilização de diferentes didáticas, de inovações metodológicas e de recursos diversos que facilitam o processo de ensino aprendizagem, que é tão necessário principalmente àqueles que apresentam mais dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita.

1 ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA.

1.1 CONCEITO DE LETRAMENTO

No Brasil, os estudos sobre letramento iniciaram-se na segunda metade da década de 1980 e passou a ser usado com mais intensidade na década de 1990, por estudiosos do campo da Educação e das Ciências Linguística esses estudiosos foram: Segundo Melo, (2014, p. 217), "Soares (1999) que indica as primeiras ocorrências do termo na literatura brasileira": Kato (1987), Tfouni (1988) e, na década de 1990, Kleiman (1995). O termo letramento surge como uma tradução da palavra da língua inglesa literacy, com objetivo de ampliar o conceito de alfabetização e dar atenção não apenas ao domínio da tecnologia de ler e escrever (codificar e decodificar), mas também de fazer uso da leitura e escrita, nas práticas sociais que se faz necessário na sociedade moderna.

As instituições próprias de uma sociedade globalizada e tecnológica, que junta uma grande variedade de modos discursivos e também uma variedade de gêneros textuais e práticas de leitura como a família, a escola, a igreja, o local de trabalho, a rua, a internet, os sindicatos, e outros, são considerados como agentes de letramento.

a palavra "letramento" nasceu para caracterizar aquele que sabe fazer uso do ler e do escrever, que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa a interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, deve-se entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. (JUSTO, RÚBIO, 2013, p. 2 – 3)

Para distinguir alfabetização e letramento, muitos pesquisadores passaram a utilizar o termo alfabetização num sentido restrito para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita da natureza e do funcionamento do sistema de escrita. Correspondentemente, passaram a reservar os termos letramento, ou em alguns casos alfabetismo funcional para designar os usos da língua escrita.

Nesse sentido, tanto o domínio da tecnologia de ler e escrever, quanto o uso da língua escrita, trazem resultados sociais, culturais, políticos, econômicos, cognitivos e linguísticos, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para a pessoa que aprenda a usá-la.

Considera-se então que, o letramento é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, quando um grupo social ou um indivíduo usa essas habilidades nas práticas sociais, ele não somente apropria-se da língua escrita para inserir-se num mundo organizado, como também da cultura escrita para fazer variados usos sociais da escrita tendo diferentes funções. Porém, muitas vezes, para isso, depende dos níveis de letramento que vai dos mais elementares aos mais complexos. No Programa Pró-Letramento relata que:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da língua escrita e de ter se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. Como são muito variados os usos sociais da escrita e as competências a eles associadas [...], é frequente levar em consideração níveis de letramento [...]. (BRASIL, 2007, Pró-Letramento, p.11)

Nesse contexto, entende-se que, letramento relaciona-se à competente tecnologia da escrita com a necessidade do exercício efetivo da leitura e da produção de textos reais, ou seja, a aprendizagem da escrita alfabética ligados ao uso da produção da linguagem escrita.

Vale ressaltar que desde a educação infantil e também a instituição escolar é fundamental que se preocupe e se responsabilize não apenas pelo desenvolvimento dos conhecimentos relacionados à aprendizagem da escrita alfabética como também os que estão conectados ao uso e à produção da linguagem escrita. Também é importante que professores (as), reflita sobre o papel do contato dos estudantes com os variados textos em atividades de leitura e escrita realizadas dentro e fora da escola, pois sem mediação, esse contato por si só não garante que crianças e jovens se alfabetizem ou se apropriem do Sistema de Escrita Alfabética.

Dessa forma, considera-se relevante a distinção feita pela professora Magda Soares (1998) entre alfabetização e letramento. O termo alfabetização segundo Soares,(1998), “processo pelo qual se adquire uma tecnologia – a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-la para ler e para escrever”. Essa tecnologia envolve conhecimentos e exige compreensão do funcionamento alfabético memorização das convenções letra-som e o domínio de seu traçado, usando recursos como lápis, papel ou outros que possam substituí-los.

Já o termo letramento, relaciona-se ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, nas situações em que precisamos ler e produzir textos reais. Ainda conforme Magda Soares (1998, p.47), “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita”.

A partir da preocupação com o analfabetismo funcional, vários pesquisadores chegaram ao conceito de “letramento” em lugar de “alfabetização”. Conforme (Rebello, 2015, p. 243), “nas sociedades letradas, reconhecer sons e letras é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder às demandas da sociedade”.

Segundo a autora, para o indivíduo atender adequadamente as demandas da sociedade, não basta saber ler e escrever de forma mecânica, pois a mera decodificação tem se mostrado condição insuficiente e não garante à pessoa uma interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, necessita então ser capaz de decodificar sons e letras, além disso, entender os significados e usos das palavras em diferentes situações. Assim, Melo (2014) afirma que:

ser funcionalmente letrado está relacionado, com as possibilidades de crescimento individual/cognitivo e de atendimento às demandas da sociedade, em que as necessidades de comunicação, por meio da escrita, se tornam cada vez mais diversificadas. (MELO, 2014, p. 217)

Nesse sentido, a pessoa letrada, tem habilidades de ler e escrever, além disso, é capaz de envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, fazendo usos do código escrito para interagir em sua comunidade, isto é, sabe ler e produzir textos dos mais variados gêneros e temas, o que depende do crescimento cognitivo, individual de cada pessoa. Enquanto o alfabetizado é aquele que conhece o código escrito, por meio do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, mas não está adequado às exigências de uma sociedade em que busca cada vez mais a capacidade de vivenciar a cultura escrita.

A pessoa, para ser capaz de atender às exigências de uma sociedade letrada e diversificada, além de ser alfabetizada, necessita ser letrada, para isso, deve ser ensinada num contexto que atenda às demandas de sua comunidade; ou seja, num processo em que ocorre ao mesmo tempo a aquisição de aprendizagem da leitura e escrita e também a compreensão de significados das diversas palavras nas diferentes situações, desse modo, a pessoa poderá envolver-se efetivamente dentro de uma cultura letrada, garantindo assim

sua plena interação com os variados gêneros textuais e tipos de leitura e escrita. Conforme (Rebello, 2015, p.245-6) diz que:

Letrar é mais que alfabetizar. A alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento, como início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Alfabetizar letrando é, portanto, ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social. (REBELLO, 2015, p. 245-6)

De acordo com a autora, letrar é mais que alfabetizar porque é através do alfabetizar letrando, que ocorre a aprendizagem da leitura e escrita e por meio de seu uso nas práticas sociais, a pessoa vive e adapta-se melhor num mundo em que a sociedade e os meios comunicativos e tecnológicos estão em constante mudança, ou cada vez mais se modernizando, por isso, a alfabetização deve ocorrer em conjunto com o letramento para que assim, haja a melhoria da linguagem oral, o desenvolvimento das habilidades de ler, escrever, a compreensão ou interpretação dos diversos textos.

Para que ocorra a melhoria da linguagem oral e o desenvolvimento dessas habilidades é necessário que professores além de mediar o ensino da leitura e escrita, precisam motivar o aluno para a aprendizagem, pelo motivo da necessidade dele próprio adquirir competências que favorecem em seu desenvolvimento cultural, político, social e profissional e conseqüentemente capaz de socializar-se não somente de acordo às exigências da sociedade como também ao uso adequado da língua.

Por isso, a missão do professor é a de orientar o aluno na aquisição da flexibilidade linguística necessária ao desempenho adequado o que lhe será exigido em sociedade. Analisar diferentes textos, compará-los, pesquisar os porquês das diferenças, construir regras sobre o uso da língua e, a partir das descobertas, reescrever textos são práticas que produzem excelentes resultados na capacitação do aluno no uso da língua. Nesse sentido, letrar é mais que ensinar a ler e a escrever. (REBELLO, 2015, p. 244)

Atualmente, para ser letrado na sociedade o indivíduo além de se comunicar por meio da escrita, deve ser capaz de compreender ou interpretar os textos que circulam em seu cotidiano, a presença da escrita em uma sociedade é imprescindível para as transformações sociais, culturais políticas, econômicas

cognitivas e linguísticas dos indivíduos, podendo haver diferentes resultados. Para uns, ser letrado, por exemplo, é ser capaz de ler, compreender e extrair informações de um livro; para outros ser letrado é ser capaz de ler a reportagem de um jornal. Nestes dois exemplos, os indivíduos possuem a habilidade da leitura, todavia, apresentam diferentes graus de letramento.

Nas culturas letradas onde os indivíduos apresentam níveis de letramento desiguais, estão aqueles que reconhecem apenas algumas funções da escrita e desenvolvem algumas estratégias para sobreviver numa sociedade letrada; no outro estão aqueles para quem o sistema escrito é o meio principal para a obtenção de informações, para o lazer, para o prazer estético, para refletir, para sobreviver.

Assim, o letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em conjunto específico à capacidade aplicada em qualquer que seja o contexto e quaisquer que sejam os valores e as práticas sociais, depende do nível de letramento que cada indivíduo possui o que se relaciona ou cataloga-se às necessidades de uso das práticas sociais. Conforme (REBELLO, 2015, p. 247)

Um indivíduo pode ser letrado, mas não alfabetizado. Por exemplo, um adulto, mesmo não sabendo ler e escrever, pode pedir a alguém que escreva por ele, dita uma carta, pede a alguém que leia para ele a carta que recebeu, ou uma notícia de jornal, ou uma placa na rua, ou a indicação do roteiro de um ônibus etc. Essa pessoa não sabe escrever e não sabe ler, mas já conhece as funções da escrita e da leitura, lançando mão do alfabetizado. (REBELLO, 2015, p.247)

Nesse contexto, de acordo com a autora, o indivíduo no caso do letrado, mas não alfabetizado, para desenvolver estratégias de sobrevivência na sociedade atual, precisa usar a linguagem oral, conhecer as funções da escrita e ter aproximação com outro para poder relacionar-se às práticas sociais de leitura e escrita, por isso, prefere-se dizer que não existe pessoas sem algum nível de letramento, ou “iletradas”.

Assim, como diz Paulo Freire (2011, p.19), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” o que significa dizer que antes que a criança passe pelo processo de alfabetização, ela já possui alguns conhecimentos prévios advindos da interação com o outro e com o meio e através da linguagem oral, também ocorre o processo de ensino aprendizagem referentes às necessidades de sobrevivência. Sendo assim, percebe-se que a criança deve ser ensinada de acordo sua capacidade e

realidade que ela vivencia para que haja uma comunicação clara e compreensão da língua facilitando sua aprendizagem.

Então, podemos dizer que, ensinar na perspectiva do letramento significa não somente levar o aluno a ser um analista de sua língua, mas, sobretudo um usuário consciente de que cada habilidade linguística tem um espaço específico de uso, ocorre de forma diferenciada e deve estar adequada à situação de comunicação. (JUSTO, RÚBIO, 2013 p.6)

Nesse sentido, para que a criança tenha consciência de que cada habilidade linguística tem um espaço específico é importante que, quando ela chegar à escola, cabe à educação formal orientar metodologicamente, de modo que consiga distinguir os diferentes sistemas gráficos, e a educação infantil é só o início dessa orientação, pois, o letramento é um processo que se estende por todos os anos de escolaridade e mais que isso, por toda a vida.

De fato, alfabetização e letramento são dois processos que andam juntos, mas o letramento precede a alfabetização, (Justos, Rúbio, 2013), “o letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com práticas de letramento no seu mundo social.” Isto é, o letramento permeia todo o processo de alfabetização e continua a existir quando já estamos alfabetizados.

Para (justos, Rúbio, 2013 p.6), “O processo de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita na escola não pode ser configurado como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere.” Pois numa sociedade industrializada, ou que faz usos das tecnologias, é necessário que o indivíduo esteja preparado para realizar uma atividade rotineira como uma compra no supermercado, escrever uma lista de produtos que precisamos comprar, no local das compras, ler, comparar rótulos, preços, datas de validade, ingredientes e cartazes promocionais, ainda usar algum método para calcular e fazer contas, caso necessário, preencher cheque.

Dessa forma, das atividades que, para um sujeito letrado, são apenas mais uma forma de se comunicar com os outros e de agir sobre o meio, são espontâneas que não requerem, portanto, grandes esforços de concentração ou interpretação, porém, representam um imenso obstáculo, para uma grande maioria de brasileiros

não escolarizados. Essa escrita ambiental e rotineira representa, entretanto, apenas uma das funções da escrita e da leitura, das mais básicas.

O domínio de outros usos da escrita significa, por exemplo, o acesso a outros mundos públicos como o da mídia ou tecnologia, e através deles a possibilidade de acesso ao poder, daí estudos sobre o letramento que se volta para a transformação de ordem social.

Ainda segundo Justos; Rúbio (2013 p.11), “essas práticas de letramento que exercemos em diferentes contextos de nossas vidas ou em nossa sociedade, é que vão construindo nossos níveis de letramento, seja ele individual ou social”. Por isso, é fundamental que a escola estimule o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam.

O professor como agente do letramento, através de sua liderança, deve articular novas ações, mobilizando o aluno para fazer aquilo que não é de imediato aplicável ou funcional, mas que é socialmente marcante, aquilo que vale realmente ser aprendido, comumente, quando é dada ao aluno a oportunidade de mobilizar seus saberes e de ser ouvido, ele acaba superando não só as suas próprias expectativas, mas as do professor também.

Ressalta-se que, embora a escola muitas vezes, ainda minimize certas práticas de letramento, ela é um veículo de fundamental importância à propagação do letramento, tendo como um de seus objetivos principais, a possibilidade de seus alunos participarem das várias práticas sociais que utilizam a leitura e a escrita como agentes condutores para uma vida interativa, autônoma, ética, crítica e democrática.

1.2 FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA

Sabe-se que para exercer uma participação plena e efetiva numa sociedade que sofre constante mudança, é preciso que o cidadão saiba fazer uso competente das práticas sociais de leitura e escrita pois através dessas práticas, ocorre o funcionamento e melhor desenvolvimento individual e social. Mas é preciso que o indivíduo seja consciente de que a leitura e a escrita é uma ação necessária para o benefício de todos os que dela se envolvem efetivamente.

É por meio da leitura e da escrita que as pessoas podem ter acesso ao legado cultural da humanidade, a todo tipo de conhecimento, informações que pode ser encontrado, aprendido ou estudado por meio da leitura, e ela tem papel fundamental desde a Educação Infantil na vida de uma pessoa, a criança nessa fase tem desejo de descobrir o mundo e por meio da curiosidade e da observação interpreta do seu modo a tudo e todos que está a sua volta.

Fonseca, (2012, p.13) diz que, "Todos os desejos ligados ao conhecimento e tantos outros poderão ser saciados por meio da leitura". Segundo ele porque ao longo dos séculos os conhecimentos eram acumulados e repassados de geração a geração pela humanidade. No início isso foi feito oralmente e depois com auxílio de desenhos até chegarmos à escrita que aos poucos foi se desenvolvendo até a chegada da imprensa que durou séculos para acontecer, com essa invenção pode-se pensar que, "agora o acesso à leitura será para todos!". Entretanto pode-se observar que ainda nos dias atuais encontra-se muitas pessoas que infelizmente não tem acesso a livros.

Para o autor, a leitura é como um código, um sistema de representação que quando decifrado e compreendido dá acesso a riquezas ainda maiores que as de um cofre isto é, para se desenvolver funcionalmente na sociedade letrada o ser humano não apenas precisa reconhecer o sistema da escrita, mas também adquirir a interpretação desse código e a compreensão das funções da leitura e da escrita em variados contextos, essas habilidades de reconhecimento do sistema de representação e interpretação do código escrito, consolida em uma ação que gera independência e autonomia aos que pratica o hábito da leitura e escrita e que fazem reconhecimento e uso de uma grande variedade de gêneros.

Seja para tomar um ônibus, preparar uma receita, consultar a bula de um remédio, assinar um contrato ou defender uma tese de doutorado, ler nos oferece independência e autonomia. Os motivos para ler são muitos: prazer, necessidade, aprendizado, reflexão, para obter informação ou para realizar algo. Em todos esses casos, a pessoa que lê consegue realizar sua tarefa com mais qualidade. (FONSECA, 2012, p.16)

Dessa forma, segundo o autor, a pessoa que lê realiza algo com mais qualidade, pois a capacidade de interpretar a linguagem escrita ocorre pelo processo da leitura da palavra e da compreensão de seu significado oferecendo assim a

independência e a autonomia do sujeito que busca se desenvolver dentro de uma sociedade que precisa agir de maneira adequada no cumprimento de seus deveres e na melhor obtenção de conhecimentos em relação aos seus direitos, o que irá garantir a efetiva participação do cidadão.

Essa participação permite lutar por condições melhores e agir para a mudança da realidade que muitas vezes nos deparamos com dúvidas em infinitas decisões diárias que precisamos tomar. Nesse sentido que a condição de compreender textos coloca-nos em perspectiva com a capacidade plena de atuação ou em situação de desvantagem.

A leitura se faz presente nas linhas e nas entrelinhas, pois percebe-se que a leitura é praticada não apenas nas letras. Quando observamos uma pintura, ou ouvindo uma música, percebendo um gesto, observando cenas do dia-a-dia refletindo sobre disciplinas. Sem perceber, estamos realizando algum tipo de leitura. Até a criança, antes de frequentar as instituições de ensino, já estão se enchendo de leitura do mundo. Vale lembrar que, para usufruir efetivamente da cultura escrita que se faz presente numa sociedade letrada, a obtenção do código escrito se faz necessário, porque como diz Silva, (2013, p. 62):

Deve-se convir que até o mais simples conceito sobre o que seria a aquisição do sistema da escrita tem o seu valor e deu sua contribuição, neste aspecto não se pode ignorar o fato real de que vivemos em um mundo onde as letras, as palavras, as informações escritas nos rodeiam permeiam entre nós; elas estão presentes em todos os lugares e desde o nascimento já nos deparamos com as tais letras, independente do conhecimento ou apropriação que se tem, uma coisa é certa, elas já estão lá fazendo parte do cotidiano de todas as pessoas, e por incrível que pareça, do ciclo de vida. (SILVA, 2013, p. 62).

Assim, para o autor, partindo da concepção interacionista de leitura, imagina-se que ler é uma atividade social e que, portanto, as características cognitivas são adequadas aos propósitos de leitura, às finalidades que orientam nossa ação de ler. Quem lê, lê um texto para algum fim. As características desse texto e essa finalidade de leitura relevante, ajudando a prever o que virá e a adotar estratégias de leitura adequada a tais propósitos.

Na escola, é preciso planejar situações que levem os alunos a desenvolver estratégias de leitura diversificadas e conhecimentos apropriados para diferentes

contextos de interação. Ensinar a ler é uma ação inclusiva, que dá possibilidades de indivíduo ter diferentes informações e participam de eventos de letramento que ampliam sua participação na sociedade. Colabora, portanto, para a construção da identidade cidadã dos alunos.

Por outro lado, a leitura é indispensável para o próprio processo de escolarização. As dificuldades de leitura provocam consequências negativas na aprendizagem de todas as outras áreas de conhecimento, pois, na esfera científica, o texto escrito é o principal instrumento de circulação do conhecimento. Desse modo, é preciso ajudar os alunos a desenvolver capacidades que possibilitem atender diferentes finalidades de leitura, presentes na escola e fora dela.

Assim, o primeiro passo para isso, é fazer com que os alunos tomem consciência sobre os diferentes modos de ler, relacionados aos diferentes propósitos de leitura na sociedade. Tende-se a achar que as crianças podem, por um lado, não articular o que se aprende na escola com o que é necessário saber dela, e, por outro lado, não terem parado para pensar sobre tal tipo de questão, não refletindo que essas práticas implicam diferentes finalidades para se ler. Essa consciência pode ser um bom começo para que a criança adote estratégias diversas a partir da reflexão sobre as finalidades que guiam a leitura.

Tendo em vista a importância da linguagem oral e escrita da criança para sua inserção nas práticas sociais e em um mundo letrado, cabe à educação favorecer subsídios específicos para a construção destas competências nas crianças durante o seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Alfabetizar não se resume em apenas decodificar os códigos linguísticos, mas permitir a criança interpretar vários tipos textuais e o mundo a sua volta. (LOPES, 2016, p. 4).

Segundo a autora, cabe ressaltar que o papel do professor pode ser decisivo, pois compete a ele desenvolver propostas pedagógicas e metodológicas que contemplem as especificidades de cada indivíduo, garantindo assim um ensino igualitário e de qualidade.

Ao docente e a escola cabe entender que o ensino só acontece de maneira significativa, se garantir todos os direitos de aprendizagem ao aluno, quando o mesmo se desenvolve num currículo flexível contemplando a necessidade individual de cada criança. Todavia, o papel da escola não é apenas alfabetizar, mas desenvolver os conhecimentos de maneira interdisciplinar, que considera os

diversos tipos de linguagem o que favorece a construção de uma educação letrada e cidadã ao aluno.

Hoje, mais do que nunca, face às exigências do mundo atual, a leitura tem um papel fundamental no processo de construção do conhecimento, seja como fio condutor na rede do currículo interdisciplinar, seja no desenvolvimento de competências e habilidades na interação com diferentes sistemas de expressão com os quais se queiram formar um aluno capaz de aprender, por si próprio ao longo da vida. (SENNA, 2009, p.94)

Nesse contexto, de acordo com o autor, compreende-se que atualmente, a leitura é imprescindível não apenas para o aprimoramento da habilidade de ler textos escritos, mas, além disso, faz-se necessário que se tome o fenômeno leitura de forma mais abrangente de maneira que possa permitir que o professor empregue estratégias pedagógicas que envolva o maior número de textos possíveis para que assim, alcance todos os sujeitos leitores. Na escola são apresentados os mais variados traços culturais os quais estão todos vivos nas figuras dos alunos e cada um deles, é um sujeito leitor singular. Para a escola intercultural, é preciso que o educador (a), compreenda a leitura como um fenômeno mental abrangente e ajuizador de mundos que não se limita à decodificação de um ou outro tipo de texto.

Conforme Fonseca, (2012, p. 28), "O professor tem papel importantíssimo na aquisição da competência leitora da criança, não só porque promove atividades para tanto, mas porque serve como modelo de leitor". O que significa dizer que ao trabalhar com a leitura, os conteúdos devem ser voltados às capacidades e procedimentos de leitura e ao comportamento leitor. Isto é, quando o professor lê um conto para seus alunos, eles não aprendem apenas os conteúdos das histórias e suas características, mas também como as pessoas utilizam a leitura, os comportamentos de um leitor e a compartilhar práticas sociais de leitura.

Ainda segundo Fonseca, (2012, p.29), "ao propor uma leitura ao grupo, o professor deve sempre dar um sentido ao que estão fazendo, para que entendam por que estão realizando aquela leitura e o que estão buscando com ela", diante disso, quando sabemos o propósito do leitor, temos mais condições de decidir o que fazer, que tipo de texto escolher, quais procedimentos devem ser realizados, assim, de acordo com o propósito leitor, o professor mostra aos alunos o que faz diante de cada situação de leitura e com isso, os alunos observam participam e aprendam, em

situações planejadas e contextualizadas. Na leitura, aquele que tiver conhecimento por meio de muitas experiências e vivências leitoras tiver curiosidade e estudar para ampliar seus saberes, poderá encantar outros e levá-los a conhecer melhor esse universo. Por isso Fonseca, (2012), relata que:

O mundo da leitura pode deixar de ser apenas ler o que está escrito para se ler para conhecer, recordar, entrar em contato com a sabedoria de outras culturas de outras épocas, apreciar diferentes gêneros e autores, compreender o mundo que o cerca, compreender a si mesmo, imaginar, sonhar, pesquisar, estudar, formar opiniões.(FONSECA, 2012, p.34)

Antes que as crianças tenham contato com texto escrito, ou passem a conhecer o mundo da leitura e escrita as quais são importantes nas práticas sociais, elas interagem com o meio, objetos e pessoas adultas, e com isso, elas elaboram conceitos que segundo Senna (2012,) são organizados através de um sistema universal de construção de conceitos subjetivos cuja estrutura é constituída por zonas de desenvolvimento (potencial, proximal e real) modelo de mente, defendido por Vygotsky.

Sendo assim, de acordo com o autor a linguagem oral tem função essencial nas relações sociais, pois desde muito cedo as crianças convivem com os adultos que as cercam e falam perto delas e com elas, através da oralidade, as crianças participam de diferentes situações de interação social, aprendem sobre si mesmas, sobre a natureza e sobre a sociedade. Por isso são influenciadas a falar muito cedo e ao chegar ao ensino fundamental, salvó algumas exceções, conseguem interagir com autonomia.

Na instituição escolar, as crianças além de aprenderem a produzir textos mais formais e se depararem com outros que não são comuns no dia-a-dia de seus grupos familiares ou de sua comunidade, elas ampliam suas capacidades de compreensão e produção de textos orais o que facilita a convivência delas em variados contextos de interação e favorece a reflexão sobre as diferentes situações e sobre os textos por elas produzidos. Visto que, as crianças que vivem em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não apenas são motivadas a ler e escrever, como também iniciam desde cedo a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor.

A linguagem ocupa papel de destaque nas relações sociais. Na nossa sociedade, a participação social é intensamente mediada pelo texto escrito e os que dela participam se apropriam não apenas de suas convenções linguísticas, mas, sobretudo, das práticas sociais em que os diversos gêneros textuais circulam. (LEAL, ALBUQUERQUE, MORAIS, 2006, p.71)

Em decorrência do convívio social se dá a educação da linguagem, pois o seu desenvolvimento se realiza por meio de vivências sociais, porém, a linguagem deve ter um conteúdo significativo para a criança, já que elas têm curiosidades e precisam entrar em contato com um mundo variado de coisas e têm necessidades afetivas de atenção, carinho, os interesses e necessidades proporcionam os assuntos da linguagem oral pela qual também deverão determinar a escolha dos primeiros vocábulos a serem apresentados na leitura.

Tanto no convívio do lar quanto escolar, é importante que haja o convívio social livre o que estimula a comunicação de ideias e sentimentos, e por meio da educação da linguagem oral que se baseia a aprendizagem da leitura e escrita.

A caracterização da linguagem como parte do aparelho cognitivo humano traz consequências naturais para o conceito de leitura e, naturalmente, para o de produção de sentidos nas práticas de ensino científico, visto estar a leitura diretamente relacionados aos juízos prévios e aos estados de desenvolvimento proximal, portanto. A linguagem, nesse sentido, assume um papel constitutivo no processo de elaboração conceitual e não uma dimensão meramente posterior como instrumento de comunicação. (SENNA, 2009, p. 88-89)

Conforme o autor, a linguagem não serve apenas como instrumento de comunicação social, mas atua também como matéria do pensamento, o que resulta num instrumento básico para o desenvolvimento cognitivo, que é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança.

O desenvolvimento linguístico-cognitivo é apoiado em diversas situações de aprendizagem, nas quais o conhecimento simbólico conceitual do real se vai construindo, aos poucos, de forma organizada. Contanto a linguagem privilegiada em relação à experiência escolar sob suas diferentes formas, reduz ao que se denomina saber letrado – saber que tende a cristalizar-se e fechar-se em torno de si mesmo, como a estrutura da escrita.

Visto que, o saber transmitido pela escola, que nem sempre é comunicado, exige práticas de leitura que na maioria das vezes são alienadas da subjetividade do leitor, e até mesmo do seu esforço de conhecimento o que impede de o leitor interagir com sua própria linguagem, tornando-se incapaz de construir os valores que atribuíram sentido conceitual àquele saber. Quando há alienação da capacidade leitora e ajuizante do aluno, ele corre o risco de lhe furtarem sua linguagem vital, momentânea e individual, com a qual ele de fato assume sua condição de sujeito e, conscientemente a de aluno.

Diante disso, é possível pensar num verdadeiro processo educacional que é constituído de sujeitos e intenções significativas quando, a educação é sistemática, (formal e centrada na transmissão de saberes) mas que considera também a assistemática, - (definida pelos mecanismos cognitivos individuais de cada pessoa não importa frente a que tipo de experiência).

Portanto, no contexto do ensino escolar, um dos objetos de leitura mais consagrados é o texto escrito, talvez porque a própria escola resista a aproveitar outros tipos de textos não verbais, ou até mesmo a fala, como textos propriamente ditos. E ao desprezar as experiências cotidianas de leitura de mundo, privilegiando apenas o texto escrito, a escola abandona a identidade de cada um como leitor, deixando em muitos dos alunos a convicção de que ler é uma prática estritamente ligada a experiência escolar, sem qualquer conexão com sua vida.

1.3 DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

O processo de alfabetização em toda a criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada. De acordo com estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky em 1979, as fases da leitura são: a pré-silábica, a silábica a silábica alfabética e a alfabética.

Na fase pré-silábica, as crianças ainda não relacionam as letras com o som da língua falada, nessa fase, elas representam sua escrita por meio de rabiscos e desenhos acreditando que devem usar símbolos variados para apresentar a escrita.

Na fase silábica, interpreta a letra a sua maneira atribuindo o valor de cada sílaba a cada letra, nessa fase a criança entende que as diferenças na escrita estão relacionadas com o som das palavras levando-as a usar uma forma de escrita para cada som. Usa os símbolos gráficos de qualquer forma, às vezes usa consoantes,

outra vez vogais e às vezes inventa palavras. À medida que vai possuindo mais contato com a escrita, ou através da observação de adultos ela consegue perceber que a escrita está de acordo com os aspectos da fala.

Na fase silábica alfabética, mistura a língua da fase anterior com a identificação de algumas sílabas. Aqui a criança a cada sílaba atribui uma letra, sendo assim, a escrita silábica para a criança é uma grande conquista que aos poucos vai reformulando suas hipóteses, até chegar à compreensão do sistema de representação da língua escrita, reconstruindo-o.

Na fase alfabética domina, compreende e relaciona o valor das letras e das sílabas entende que a sílaba não pode ser considerada uma unidade e que podem ser separadas em unidades menores, as letras o que gera dificuldades em sua escrita.

A criança no nível pré-silábico, representa com rabisco, desenhos ou letras; acredita ao fazê-lo, que está escrevendo; não percebe ainda a escrita como representação da fala. A criança no nível silábico, faz uma correspondência de quantidade de sílabas para quantidade de letras, as letras usadas não demonstram correspondência com o valor do som das letras, por isso usa qualquer uma, não acredita que letras ou sílabas possam ser repetidas numa palavra. A criança no nível silábico-alfabético, conhece o valor sonoro convencional de algumas ou de todas as letras, já consegue juntar sílabas, procura colocar letras que lhe corresponde. (SILVA, 2013, p.61)

Compreende-se que a aprendizagem da leitura e da escrita tem o objetivo de ampliar capacidades e potencialidades e por meio dessas inserir o indivíduo no meio social. Conforme o que diz em PCN,s (2001, p.34) "A capacidade de decifrar o escrito é não só condição para a leitura independente como - verdadeiro rito de passagem - um saber de grande valor social". Mas é preciso que educadores busquem cada vez mais conhecimentos pedagógicos e metodológicos para trabalharem com as crianças e assim oferecer atividades diferenciadas ou materiais variados de acordo com cada criança de maneira que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita o que permite que o indivíduo desenvolva sua capacidade de pensar, compreender, criar e agir no meio em que está inserido.

De acordo com estudos feitos por Salvador (2000), sobre as propostas de Vigotsky em Psicologia do Ensino, entende-se que as capacidades psicológicas tipicamente humanas utilizam uma série de instrumentos mediadores – os "signos" esses permitem controlar e regular o próprio comportamento e levá-lo à prática de

maneira consciente, reagindo, assim, não tanto aos estímulos externos de maneira direta, mas aos significados representados por esses instrumentos mediadores que vai desde os mais elementares até os sistemas simbólicos complexos, como a linguagem, os sistemas aritméticos e algébricos ou os sistemas de representação gráfica por meio de diagramas ou mapas.

Usar esses instrumentos comporta mudar fundamentalmente as funções e os processos psicológicos, a sua estrutura e o seu fluxo de ação, ou seja, graças a esses instrumentos o sujeito pode escapar do condicionamento direto dos estímulos do meio e para dizê-lo de alguma maneira “condicionar-se a si próprio” modificando a sua maneira de perceber o contexto.

Nesse sentido, Salvador (2000), entende que, para Vigotsky os signos e sistemas de signos que servem de mediadores nos processos psicológicos superiores não têm um caráter individual, mas, ao contrário foram elaborados ao longo da história cultural da espécie humana e por isso, a sua origem é social pensemos, por exemplo, na linguagem, possivelmente o instrumento psicológico mediador por excelência dos processos psicológicos superiores; ou então em outros, como a notação matemática, a representação gráfica convencional ou as convenções da representação por meio da imagem no cinema ou televisão.

Essa aprendizagem de signos ocorre, fundamentalmente, com a participação da criança em situações de interação e atividade conjunta com outras pessoas, mais competentes no uso desses sistemas de signos e que podem ajudá-la para que os utilize de maneira cada vez mais competente e em contextos e situações cada vez mais diversos. (SALVADOR, 2000, p. 259)

Para Salvador (2000), o esquema explicativo vigotskiano estabelece uma profunda relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem e atribui uma importância decisiva às práticas educativas como um motor do desenvolvimento humano; por um lado, o desenvolvimento produz-se, em boa medida, graças à aprendizagem por parte das crianças da utilização de signos e sistemas de signos que atuam como mediadores dos processos psicológicos superiores.

Sendo estes tipicamente humanos; as práticas educativas – entendidas como situações de interação em que os membros mais competentes do grupo social e cultural, ajudam outros membros do grupo a usar convenientemente esses sistemas

de signos em relação a tarefa diversas em contextos diversos – são as que possibilitam, em essência essa aprendizagem.

De acordo com explicação de Vigotsky, o desenvolvimento que os alunos experimentam no decorrer do ciclo vital é consequência da aprendizagem e da educação; é por fim um produto das interações que se estabelecem entre o sujeito que aprende e os diversos mediadores culturais (pais, educadores, etc.) que lhes tornam acessíveis determinadas parcelas da cultura e também as maneiras de alcançá-las. (SALVADOR, 2000, p. 181)

A noção de “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP) provavelmente o conceito mais conhecido e mais citado da teoria de Vigotsky, reflete e também detalha esse caráter bidirecional das relações entre desenvolvimento e aprendizagem. A ZDP para Vigotsky pode ser definida como a diferença existente entre o nível do que a pessoa é capaz de fazer com a ajuda de outros e o nível das tarefas que pode fazer de maneira independente.

Assim, essa definição implica a distinção de dois níveis de desenvolvimento: por um lado o que se corresponde com as capacidades que a pessoa já adquiriu e se utiliza de uma maneira individual e que portanto, pode controlar de uma maneira autônoma – que Vigotsky chama de “nível de desenvolvimento real” –; e, por outro lado, o que delimitado por aquelas capacidades que a pessoa coloca em jogo com a ajuda a orientação e a colaboração de outras pessoas experientes – Vigotsky chama de “nível de desenvolvimento potencial”.

Diante disso, o primeiro desses níveis indica o desenvolvimento já realizado, de forma bem nítida; o segundo marca a direção futura do desenvolvimento, que será a marca da evolução intelectual, onde confere-se a sua possibilidade e a expansão potencial.

A relação entre esses dois níveis é complexa e dialética: o nível de desenvolvimento real condiciona o nível de desenvolvimento potencial em um dado momento; por sua vez, o desenvolvimento potencial, que depende das formas de ajuda e suportes oferecidos por outras pessoas na interação, irá tornar-se eventualmente - de acordo com a lei da dupla formação – desenvolvimento real. (SALVADOR, 2000 p.261)

De acordo com o autor entende-se que a ZDP tem um caráter dinâmico e complexo e os níveis de desenvolvimento implicados, pois por um lado, entende-se que as

peças não possuem um único nível geral de desenvolvimento potencial, mas diferentes níveis – e diferentes ZDP possíveis – em relação a diferentes âmbitos de desenvolvimento, tarefas e conteúdos.

Diante disso, a ZDP e o nível de desenvolvimento potencial não são propriedades intrínsecas da criança ou da pessoa em desenvolvimento nem preexistem à interação com outras pessoas, mas se criam e aparecem no próprio decorrer dessa interação. Portanto, uma determinada pessoa pode mostrar diferentes níveis de desenvolvimento potencial e entrar em diferentes ZDPs, de acordo com quem interatua e como se realiza essa interação.

Para o autor o argumento de Vigotsky refere-se às relações entre desenvolvimento e aprendizagem entendendo que esse último estende-se em termos gerais à aprendizagem escolar e ao ensino e esta, orienta e estimula o processo de desenvolvimento. Além disso, o desenvolvimento potencial é o mais relevante na perspectiva do ensino.

Nesse contexto, Salvador entende que o ensino deve ser dirigido precisamente para criar zonas de desenvolvimento proximal e assim atuar como um motor de desenvolvimento.

Sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de conceitos, Vigotsky caracteriza essa aprendizagem como um processo de interação e de influência mútua entre dois grandes tipos de conceitos:

- 1) Os conceitos espontâneos, adquiridos com um processo de abstração ou generalização a partir das propriedades dos objetos aos quais se referem.
- 2) Os conceitos científicos, adquiridos a partir de uma conscientização do seu significado em relação a uma estrutura ou sistema conceitual de conjunto no qual tomam sentido.

Os primeiros são adquiridos nos contextos cotidianos de atividade da criança em um processo, para dizê-lo de alguma maneira, “de baixo para cima”, a partir dos referentes concretos a que remetem; os segundos, por meio do ensino em um processo “de cima para baixo”, que parte da explicação das suas relações com outros conceitos e da sua situação na estrutura mais ampla na qual se insere.

Em relação à leitura científica, Senna, (2009 p.89) compreende que, “a leitura científica subentenda duas operações mentais distintas”. Segundo ele, a primeira corresponde à tentativa de estabelecer vínculos de correspondência entre a

situação de mundo experienciada e os juízos previamente construídos pela linguagem do indivíduo.

A Segunda refere-se à seleção propriamente de algum desses juízos que, ou se baste para a compreensão da experiência vivenciada, ou sirva de ponto de partida para o desenvolvimento de um novo conceito mais adequado ao ajuizamento da experiência.

Para Senna essa concepção que toma o ato de ler como uma operação mental permite que se caracterize a prática escolar de formação de leitores não tanto como uma prática de ensino – centrada na intervenção do professor – mas, sim como uma experiência de aprendizagem centrada na própria experiência de leitura mediada pelo professor. Cabe então ao docente compreender e interpretar as operações mentais produzidas pelo aluno nos atos de leitura, as quais traduzem o seu esforço pessoal e singular de ajuizar a experiência de ensino a partir de seu próprio universo.

A mediação, efetivada pelo “outro” mais experiente, viabiliza uma ação mais significativa do sujeito sobre o objeto e, desse modo, o indivíduo passa a transformar, dominar e internalizar conceitos, papéis e funções sociais presentes na sua realidade. Assim, os processos de mediação viabilizam os processos de aprendizagem. (SOUZA; ROSSO, 2011 p.5897)

Sendo assim, todo e qualquer ensino mediado por uma pessoa mais experiente, levam os outros a viverem novos conceitos e incorporá-los aos anteriores e por meio da aprendizagem é que os sujeitos buscam transformar-se mutuamente para se integrarem e constituírem um grupo social. Por isso que o ensino e a aprendizagem não devem ocorrer como partes isoladas uma da outra, mas, sim como um processo educacional indissociáveis, e assim, resulte numa educação à vida social.

Nesse sentido, Senna 2009, p.47 diz que “todos nós somos capazes de aprender, e em cada novo estado de prontidão, aprendemos a aprender de forma diferente o mesmo mundo num processo constante de reelaboração de conceitos.” Ou seja, as experiências conquistadas ao longo da vida nos permitem perceber que temos sempre algo a aprender ou a ensinar, ainda mais quando se trata de pessoas mais experientes que atuam por meio da interação na qual convivemos, ou quando esse processo de reelaboração de conceitos é feito coletivamente.

E por meio do ensino que ocorre ao mesmo tempo a formulação de conceitos e a expectativa de que eles podem ser continuamente reformulados, seja pela interação com o outro ou pela interação com o mundo em momentos históricos diferentes.

Nessas experiências todos concorrem, ao mesmo tempo como agentes de ensino e de aprendizagem, transformando-se mutuamente e tendo por motivação a integração de si próprios com suas expectativas de vida e de si com o outro que reconhecem como par. Nos sujeitos, ações e fatos residuais - derivados de ações de alguém - que se oferecem no mundo como experiência, manifesta-se conscientemente uma intencionalidade a qual determina sua efetiva participação nos processos educacionais de um grupo social, motivo pelo qual todos são comprometidos como agentes de ensino. (SENNA, 2009, P.48)

Conforme Senna, para que o conceito de prontidão não sofra reações de preconceitos e equívocos é preciso estender a noção de processos educacionais para o interior do sujeito, onde se processam os conceitos e onde atuam fatores, ao mesmo tempo universais, ligados à natureza da cognição humana, e locais, estritamente históricos e regionais dos quais emanam os sentidos pragmáticos de cada juízo construído.

Além disso, é necessário tratar também, de outra dimensão, interna e individual, na qual os processos educacionais se caracterizam como estados mentais que se transformam continuamente ao longo da vida e possibilitam o processo em si, de construção de conhecimentos e conceitos. Em síntese, os processos educacionais refletem à essência do próprio homem, irremediavelmente individual e social ao mesmo tempo, avessa à estagnação e sempre em busca de um sentido de vida.

Ainda para Senna, os adultos, em volta da criança, funcionam como referentes de segurança, cuja autoridade busca a autonomia para se apropriarem do mundo ao seu redor. Quando sós ou distantes de seus referentes de segurança as crianças se retraem, ameaçadas pelo risco que constantemente as assombra. Tudo o que a criança vive diariamente compreende-se que é determinado pelo estado de prontidão de sua mente de modo que praticamente tudo com que interage se converte em conceitos parciais. Todavia ao interagir com o mundo, a criança não se furta de experimentá-lo por não ter plena compreensão das coisas com que lida.

Por isso acabam construindo para si um mundo mental em que tudo se explica pelo mágico, e não por causas lógicas ou sociais, mas, pelo lúdico da criança que não está propriamente nos brinquedos e sim em tudo o que faz, em todas as coisas e na referência de segurança que os adultos lhes garantem na relação com as coisas.

O núcleo de relações interpessoais iniciais atua sobre a pessoa de modo particularmente decisivo na formação de seus valores enquanto sujeito social. Ao chegar à escola ou mesmo à pré-escola o sujeito já desenvolveu um corpo sociocultural, como resultado de todo o esforço prévio de constituir-se como sujeito para si e para os pares com quem compartilha a experiência essencial de vida.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA

Um leitor competente, além de fazer uma simples decodificação de signos linguísticos é capaz de interpretar, decifrar, conhecer e por meio de uma boa leitura consegue perceber o que está nas linhas e entrelinhas. Ao interagir com o texto, atribui novos significados a partir de sua reflexão e produção de sentidos, e com isso, pode conquistar conteúdos, cultura, lazer e principalmente satisfação e prazer, aliado a isto a leitura amplia o raciocínio, a verbalização a formalidade das palavras dos textos escritos, dos diálogos formais e informais, enfim auxilia numa infinidade de objetivos que se alcançam por meio da leitura.

O ensino da escrita e da leitura deve partir de toda a sociedade especificamente no sistema educacional, ou seja, a escola destina essa função ao professor (a), que está no posto de mediação do conhecimento, por isso, é importante que o docente chame atenção dos alunos para esses conteúdos que além de básicos, são essenciais para toda a vida.

Aprender a escrita só terá sentido se implicar a inclusão das pessoas no mundo da escrita, ampliando sua inserção política e participação social, pois a linguagem escrita atravessa a vida social, as nossas vidas particulares com uma infinidade de maneira que marcam por meio de registros, gráficos misturados à imagens e números, na arte, no direito, na política, entre muitas outras áreas.

Dessa forma, o processo de alfabetização é de suma importância para o desenvolvimento escolar do aluno, pois, envolve conhecimento fundamental para o

processo de escolarização, vinculado ao valor social da leitura e da escrita e a abertura para a inserção dos sujeitos no vasto mundo da escrita.

A leitura deve ser um ato contínuo à escrita, um não pode ser mais valorizado em detrimento do outro. Ela é uma atividade essencialmente ligada à escrita e a escrita é uma atividade que exterioriza o pensamento, e ainda é uma atividade que possibilita a assimilação de conhecimentos, de interiorização e reflexão. (AZEREDO; PIZETTA, 2016, p.7)

Utilizando a leitura e a escrita com fins de informação e aprendizagem, a escola promove o desenvolvimento leitor de cada integrante da leitura, e a consecução de novas aprendizagens, resultando numa participação cooperativa, na interpretação, e na construção de sentido e nas intenções pretendidas pelo autor, por isso a leitura é importantíssima tanto na escrita quanto na fala, pois por meio de sua interação se dá o aprimoramento essencial dos termos de codificação e decodificação de palavras e signos eficientes o que nos permitem entender adequadamente as diversas situações cognitivas dos termos linguísticos da linguagem utilizada.

De acordo com os PCN,s (2001, p. 52) “é necessário a compreensão de que a leitura e a escrita são práticas complementares fortemente relacionadas que se modificam mutuamente no processo de letramento”, sendo assim, a habilidade de ler e escrever permite que o aluno construa seu conhecimento sobre os diferentes gêneros sobre os procedimentos mais adequados sobre as circunstância de uso da escrita para lê-los e escrevê-los.

Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente ditas. O que significa dizer que o leitor quando ler fluentemente é capaz de selecionar, antecipar, inferir, verificar, e por meio do uso dessas estratégias o leitor consegue controlar o que vai sendo lido para tomar decisões diante de dificuldade de compreensão e assim buscar no texto, a comprovação das suposições feitas. Para o aprendizado inicial da leitura os (PCN,s, 2001, p.55-56), relata que:

Ao contrário de ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições – tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. (PCN,s, BRASIL 2001, p. 55-56)

Sabe-se que as capacidades linguísticas e comunicativas se desenvolvem no decorrer de todo o processo de escolarização e ao longo das necessidades de vida social. Entretanto, é nos três primeiros anos da Educação Fundamental que as crianças devem desenvolver gradualmente essas capacidades, já que na alfabetização, ou escolarização inicial que os problemas de aprendizagem da língua escrita tem se concentrado o que tem provocado fracassos em todo o percurso de escolarização.

A aprendizagem e a progressão da criança então dependerão do processo de seu desenvolvimento, das possibilidades que o espaço escolar lhe propiciar, do patamar que ela se encontra, para seguir em direção a avanços e em expansões. Para isso, as ações docentes devem ser orientadas para definir e enfatizar o trabalho pedagógico do professor ou professora, auxiliando-as levando em consideração as capacidades já desenvolvidas por seus alunos decidindo que, o docente deverá, conforme o Programa de Pró-Letramento (2007),

Introduzir, levando os alunos a se familiarizarem com os conteúdos e conhecimentos (ou retomar eventualmente, quando se tratar de conceitos ou capacidades já dominados ou consolidados em período anterior);Trabalhar sistematicamente, para favorecer o desenvolvimento pelos alunos; Procurar consolidar no processo de aprendizagem dos alunos, sedimentando os avanços em seus conhecimentos e capacidades. (BRASIL, 2007, p. 15)

Nesse contexto, quando o professor observa, faz diagnóstico, e avalia as capacidades de seus alunos, resulta em propiciar o desempenho e condições necessárias à superação de descompassos e inconsistências em suas trajetórias ao longo dos três primeiros anos.

Para facilitar a aprendizagem e melhorar as capacidades de seus alunos o professor precisa introduzir os conhecimentos em foco para que os alunos se familiarizem aos conteúdos, ou retomar conceitos consolidados anteriormente.

A cultura escrita diz respeito às ações, valores, procedimentos e instrumentos que constituem o mundo letrado. Esse processo possibilita aos alunos compreenderem os usos sociais da escrita e pedagogicamente, pode gerar práticas e necessidades de leitura e escrita que darão significados às aprendizagens escolares e aos momentos de sistematização propostos em sala de aula. (BRASIL, 2007,p.18)

Através do envolvimento social, é que muitas vezes as pessoas até mesmo as crianças, passam a perceber que necessita ter o hábito da leitura e escrita, pois atualmente com o processo de modernização tecnológica e o aumento de usos de aparelhos como meio de comunicação, coloca em cheque a interação entre as pessoas e o ambiente para se relacionarem, isso faz com que elas comecem a ter interesse e motivação pela leitura e daí há a percepção de que a leitura além de ser um ato prazeroso, é necessário e fundamental à convivência diária.

Diante disso, educadores e também a família devem exercer uma função de motivar as crianças para a aprendizagem da leitura e da escrita para satisfação de suas necessidades e realização de seus objetivos. Visto que a capacidade de ler e escrever são técnicas que garante a inserção no mundo, permite a articulação de diferentes linguagens, a interação com as diferentes áreas do saber e é o meio de demonstração de sentir e do saber.

O professor, ao trabalhar a leitura e a escrita exercita a socialização e no processo de ensino aprendizagem é importante que ele seja um mediador do ensino tornando-se responsável, compreendendo, conscientizando, e estabelecendo uma relação de construção no hábito da leitura fazendo com que seus alunos valorizem e entendam que a leitura serve como fonte de informação e que por meio desse acesso o sujeito passa a recorrer fontes de leitura que abre portas a um mundo de conhecimentos em função de suas necessidades e objetivos.

Segundo Senna, (2009, p.106) "No espaço do aprender ensinando há cuidados gerais que todos os professores devem tomar durante a preparação das atividades de leitura de textos escritos, a saber":

a) assegurar-se de que os alunos já identificam a função da escrita, reconhecendo os textos escritos – em todas as suas modalidades escolares – como instrumentos de interação comunicativa;

b) assegurar-se de que a estruturação formal do texto (sua estrutura gramatical e textual) seja adequada a interação com o aluno no momento da leitura;

c) assegurar-se de que, na interação com o texto o custo de decodificação da escrita não se some a um custo de representação na atividade leitora devendo-se, portanto, para que a quantidade de informações já conhecidas pelo aluno seja muito maior do que a quantidade de informações novas.

Sendo assim, é de suma importância considerar os conhecimentos prévios que os alunos possui anteriormente ou seja, "sua bagagem de leitura de mundo",

pois ao realizar a leitura, interagem fazendo alguma conexão com conhecimentos que já possuem, estabelecendo diálogos com o texto e por fim atribuindo significados ao escrito. Através da interação de diversos níveis de conhecimento, que o leitor consegue construir o sentido de texto, seja ele literário, matemático, isto é ler.

Portanto é preciso que haja uma definição do conceito de leitura associada à linguagem e à cognição, e a garantia da construção de um conceito interdisciplinar de leitura por parte todos os profissionais envolvidos com a educação com a finalidade de determinar a irremediável interdependência entre todos eles. (SENNA, 2009, p.107)

Diante disso cabe aos profissionais relacionar o ensino da leitura com a cognição e com os processos culturais, pois a escola é o espaço onde o professor mediador deve fazer a leitura das leituras, isto é substituir a leitura da escola pela leitura na escola.

Portanto, considera-se que, na escola a leitura e a escrita é algo inevitável que torna os cidadãos capazes de se interagirem não somente com obras ou textos oferecidos, mas também, com uma diversidade textual com o objetivo de mergulhar numa infinita busca do conhecimento.

2. DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS.

2.1 DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

Baseando-se em estudos feitos por Melo, 2012, muitas crianças encontram alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. Geralmente são crianças que costumam repetir o ano letivo diversas vezes. Certas dificuldades podem surgir por vários motivos, como problemas na proposta pedagógica, capacitação do professor, problemas familiares ou déficits cognitivos, entre outros.

Assim, Ferreira e Horta (2014), apontam estudos sobre Heatom e winterson (1996), complementam que eles sugerem a existência de causas visíveis (dificuldades gerais) que podem estar ligados a seis tipos de fatores os quais isoladamente ou em combinação revelam-se num conjunto de comportamentos entre os quais se encontram a leitura. Esses fatores são: I- baixa inteligência; II- escolaridade inadequada ou interrompida; III- desvantagem socioeconômica; IV- deficiência física; V- desordem neurológica visível; VI- problemas emocionais.

Fletcher, Lyon, Fuchs e Barnes (2007) referem que a literatura tem apontado para a existência de, pelo menos, quatro fatores que adiam o desenvolvimento da leitura, independentemente, do nível socioeconômico e etnia do indivíduo. Estes fatores envolvem déficit na consciência fonêmica e no desenvolvimento do princípio alfabético, déficit na aquisição de estratégias de compreensão da leitura e sua aplicação, déficit no desenvolvimento e manutenção da motivação para aprender a ler e a inadequada preparação dos professores. (FERREIRA; HORTA, 2014, p.147)

Já as dificuldades específicas que atrasam a leitura para estes autores, são as (desvantagens escondidas) encontradas na dislexia que podem manifestar-se nas áreas da fala, da leitura, da escrita, da matemática ou resolução de problemas envolvendo déficits que implicam problemas de memória, perceptivos, motores, de linguagem, de pensamento, e ou metacognitivos.

Segundo Oliveira (2014), dislexia é uma disfunção neurológica que mostra-se como consequência a dificuldades na leitura e escrita sendo de caráter hereditário. Pessoas disléxicas que nunca se trataram, - leem com dificuldade, pois é difícil para elas assimilarem palavras. Por apresentar padrão neurológico, é um distúrbio que

envolve percepção, memória e análise visual. A área do cérebro responsável por estas funções envolve a região do lado occipital e parietal.

Para Melo (2012), Os sintomas da dislexia são: Dificuldades com a linguagem e escrita; Dificuldades em escrever; Dificuldades com a ortografia; Lentidão na aprendizagem da leitura; Dificuldades com memória de curto prazo e com organização; Dificuldades com a língua falada; Dificuldades com a percepção espacial; Confusão entre direita e esquerda.

Conforme estudos e pesquisas de Bento (2016, p.), sobre Coelho (2014) as características específicas dos alunos disléxicos na Expressão oral são: - Dificuldade em selecionar as palavras adequadas para comunicar - Utilização de vocabulário reduzido e impreciso - Elaboram frases curtas e simples e apresentam dificuldade em articular as suas ideias - Repetem sílabas, palavras ou frases.

Na Leitura/Escrita - Não gostam de ler e apresentam um nível de leitura abaixo do esperado para a sua idade - Invertem, parcial ou totalmente, as sílabas ou as palavras - Murmuram ou movimentam os lábios, na leitura silenciosa - Criam ou substituem palavras por outras de estrutura mais ou menos idêntica, mas com significado diferente - Perdem a linha de leitura - Adicionam ou omitem sons, sílabas ou palavras - Apresentam dificuldade em aplicar o que foi lido - Têm muita dificuldade nas palavras homófonas (ex: "paço-passo", "conselho-concelho") - Revelam problemas de compreensão semântica (interpretar textos) - Tendência para uma leitura e escrita em espelho.

Características gerais dos disléxicos: - Problemas de lateralidade e orientação - Problemas de atenção/ concentração e memória; Problema afetivo emocional - Relutância em ir à escola; - Baixa autoestima; - Imaturidade. Falta de organização e ritmo de trabalho mais lento. Na Motricidade - Falta de destreza manual; - Caligrafia ilegível (disgrafia).

Além disso, apresentam dificuldades em algumas disciplinas - Matemática (discalculia), História, Geografia e Geometria; - Aprender uma segunda língua; Demonstram dificuldades ao nível da CF - Manifestam dificuldade em separar palavras - Confundem letras que apresentam um ponto de articulação comum e possuem sons são acusticamente próximos (ex: "d-t", "m-b") - Copiam de forma errada as palavras (utilizam outras palavras involuntariamente) - Confundem letras, sílabas ou palavras com diferenças subtis de grafia (ex: "a-o", "m-n") e com grafia

similar, mas com diferente orientação no espaço (ex: "b-d", "d-p") - Mostram grande dificuldade nas composições/redações e na organização das suas ideias.

A dislexia pode estar associada a outras Dificuldades de Aprendizagem Específicas (DAE), tais como: a disgrafia, a disortografia e a discalculia.

A dislexia é uma das causas dos distúrbios de leitura e se apresenta em crianças com dificuldades em identificação de símbolos gráficos; letras e números; no começo da alfabetização e que induz a um fracasso nas áreas que defendem a leitura e a escrita. (OLIVEIRA,2014, p.25)

Para essa questão considera-se de grande importância trabalhar a consciência fonológica, pois, de acordo com Bento (2016), ela é uma pré competência, que desenvolve a aprendizagem da leitura e da escrita, e quando bem desenvolvida, a criança mostrará um desempenho satisfatório. Uma vez que essa pré- competência não foi desenvolvida, haverá dificuldades de aprendizagens específicas da leitura e da escrita.

Para a autora é crucial que os Educadores de Infância (EI) e os docentes do 1.º ciclo do Ensino Básico devem atuar ao nível da prevenção das dificuldades de consciência fonológica (CF) bem como estimular o desenvolvimento desta competência promovendo o sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita.

O código de escrita do português tem por base a correspondência entre os fonemas (unidades mínimas da linguagem oral) e os grafemas letras por este motivo é determinante a promoção da relação fonema/grafema. A consciência fonológica e a aprendizagem da leitura e da escrita estabelecem entre si, uma relação interativa e interdependentes.

Os docentes devem começar por definir um plano de intervenção que inclua objetivos/metas a atingir e planejar atividades específicas adequadas às capacidades, necessidades e dificuldades do aluno. A intervenção deve ser gradual, ou seja, deve iniciar-se com exercícios simples e, progressivamente, aumentar o nível de complexidade. (BENTO, 2016,p.22)

O principal fator desafiador das escolas, principalmente as de origem pública, é de fazer com que seus alunos sejam completamente alfabetizados até o final do 3.º ano do Ensino Fundamental. De acordo com estudos de Lopes (2016, p.9-10), sobre Brasil (2007, p.20), é preciso contar com professores bem preparados,

motivados, e comprometidos, já que são peças-chaves para a construção de um ensino de qualidade, pois são mediadores do conhecimento.

Um segundo fator considerado como um desafio é a disponibilidade de materiais didáticos e pedagógicos apropriados que estimulem a aprendizagem, tais como livros didáticos, paradidáticos, obras de literatura, jogos e mídias variadas, porque muitas das escolas não possuem esses materiais com qualidades, e quando têm, falta conhecimento por parte dos professores para utilizar como instrumento a serviço da aprendizagem.

Um terceiro fator desafiador que interfere diretamente no processo de aprendizagem na alfabetização, é a falta de um acompanhamento minucioso por meio de diversos tipos de avaliação que identifique como está o desenvolvimento do aluno. Outros fatores também podem influenciar na não efetivação do avanço na aprendizagem com qualidade, como o número elevado de alunos matriculados em uma única turma, a heterogeneidade que caracteriza as diferenças, fatores culturais e sociais.

2.2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

A aquisição da leitura e da escrita tem sido de grande importância não apenas durante o processo de escolarização, como também em todo o decorrer da vida do cidadão que quer agir com autonomia na sociedade letrada. Atualmente ainda a escola vem enfrentando múltiplos desafios, um deles, é o de fazer com que os alunos aprendam a leitura e a escrita de maneira correta e eficaz para a sua efetiva participação social. Quando isso não ocorre, provoca graves desvantagens nas pessoas que não conseguiram realizar estas aprendizagens.

Sobre essa questão, os PCN,s (2001, p.15) defende que, "a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos." O que significa dizer que, a escola tem prioridade na tarefa de desenvolver competências relacionadas à leitura e a compreensão de texto, visto que as competências em leitura, compreensão e escrita, não se restringem às aulas de línguas, mas a de qualquer disciplina, pois os professores apoiam suas aulas em textos escritos mesmo aqueles explicados oralmente.

Antunes, (2009, p.188) afirma que, "Se a escola tem prioridade nessa tarefa, não se exclui, contudo, a intervenção de outras instituições sociais como a família, os meios de comunicação, as associações comunitárias e tantas outras." É importante lembrar que por meio de outras instituições sociais há possibilidades de ensino e aprendizado, pois é onde as crianças iniciam sua leitura de mundo, sua convivência com materiais escritos, suas interações com todos e com tudo que lhes rodeiam. Nesse contexto Garcia, (2012) defende que:

Por ora, convém frisar que o conceito de fim educativo, está fortemente comprometido com algo referente a um processo social, no qual a educação se insere, que tem envolvimento com o presente e o futuro de cada pessoa e de toda a coletividade. (GARCIA, 2012 p.69)

A criança quando instruída não somente pela instituição escolar mas também por outras, e se essa instrução começa desde o início de sua infância, a tendência é que ela irá desenvolver competências diversas que auxiliará no processo de ensino, porém é importante procurar identificar o que essa criança já sabe e o que ela não sabe para daí fazer com que as competências que já possuem sejam ampliadas e as que não possuem sejam conseguidas.

A escola então como instituição prioritária na formação do educando tem papel importante na vida pessoal, social e profissional do ser humano, a qual tem por meta propiciar condições para que cada educando se torne sujeito autônomo, independentes capaz de administrar sua vida, seus talentos e desejos fazendo com que o indivíduo perceba que ele não é o único a ter individualidade que não apenas cuida de seus direitos, mas também cumpre com seus deveres.

Sobre isso Luckesi (2011, p.39) considera que, "por meio da ação da convivência, aprendemos a conviver e, portanto, a tornar-nos cidadãos." Isto é, conviver com os outros usufruindo nossos direitos e contribuir ativamente para que os outros, também possam usufruir os seus.

Consideramos os seres humanos iguais em direitos e deveres, isso não retira nem diminui o cuidado de nós mesmos. Por isso, é essencial que haja o equilíbrio entre o cuidar de si e o cuidar dos outros, ambos tem que ser cuidados, o individual e o coletivo a fim de garantir o fluxo equilibrado e saudável da vida. "Sujeito-cidadão é aquele que aprendeu a cuidar de si e a cuidar do outro ambos seres com os

mesmos direitos à vida, aos bens necessários para mantê-la, com os mesmos direitos a crenças, valores e à expressão” (LUCKESI, 2011, p.41)

Para isso, segundo Luckesi, a escola precisa de um bom projeto que age pedagógica e politicamente com o objetivo de adquirir a formação do sujeito-cidadão, ou seja, um projeto escolar a serviço da formação da pessoa humana em todas as suas dimensões. Um projeto de emancipação de cada um é aquele que além de buscar serviço de si mesmo, busca também serviço do outro, tanto nas experiências mais simples do cotidiano como nas experiências mais complexas da vida.

Para Luckesi, o sujeito se forma por meio da aprendizagem que promove seu desenvolvimento pela ampliação permanente da consciência como a capacidade de compreender a si mesmo e o mundo de forma cada vez mais ampliada e crítica, um entendimento cada vez mais rico e mais amplo o que deve conduzir a uma ação consciente cada vez mais adequada em relação a si mesmo, aos outros, ao meio ambiente e ao sagrado.

O centro de atenção da prática educativa no processo de subsidiar o desenvolvimento do educando como pessoa humana, deve ser a criação de condições para que cada um aprenda e, ao aprender, possa desenvolver sua consciência. Vale destacar que o conhecimento que visa ampliar a consciência é aquele que não é transmitido apenas conceitualmente, mas integrado à experiência da vida como um todo.

É inegável que a escola está intimamente ligada ao processo social, sendo ao mesmo tempo agente de transformação e formação, para a construção do saber. Estabelecendo uma ação do particular e do coletivo ao individual, determinando identificar os princípios, os objetivos pedagógicos e o desenvolvimento cognitivo do aluno. Dessa forma, realiza-se o ensino através da aprendizagem para o desenvolvimento, através das atividades para autotransformação do sujeito. (CUNHA, 2014, p.80)

De acordo com Cunha (2014), e princípio da pedagogia educacional, a aprendizagem proporciona o melhoramento de todas as capacidades gerais dentro da escola e na sociedade. Com base nisso, a instituição escolar busca fomentar no aluno a atitude de aprender à aprender o que exigirá do aluno sua capacidade, habilidade, compreensão, participação, atenção, motivação para atender as

expectativas de aprender a conhecer o ensino escolar. Esta atitude almeja levar o aluno a conviver e a fazer parte do seu próprio processo de ensino e aprendizado.

O aprendiz, à medida com que obtém maneiras de aprender, absorve conhecimento alterando suas aptidões cognitivas as quais abrangem as competências e habilidades do ser humano. Esta forma de se aprender desenvolve a habilidade do aprendizado pela continuidade do processo, isto é, quem aprende a gostar de aprender, desenvolve interesses para buscar o conhecimento diário e o de longo prazo.

Conforme Cordeiro (2010), "o ensino e a aprendizagem resultam de uma relação social de um conjunto de interações humanas que não se podem resumir a simples procedimentos técnicos isolados" esse conjunto de relações humanas e consequentemente, sociais e históricas pode ser apreendido sob a denominação de relação pedagógica, que engloba o conjunto de interações que se estabelecem entre o professor, os alunos e o conhecimento.

Pensar o ensino e aprendizagem em termos de relação pedagógica implica admitir a complexidade da situação de sala de aula e considerar as questões de ensino de um ponto de vista dinâmico. Ou seja, é importante considerar três dimensões que recobrem aspectos distintos e bastante amplos da questão: a dimensão linguística, a dimensão pessoal e a dimensão cognitiva.

A dimensão linguística compreende as maneiras como se desenvolvem os discursos na sala de aula ajuda a melhor situar grande parte das interações que ali ocorrem seja entre professor e alunos ou entre os próprios alunos. O diálogo é o núcleo do processo educacional e tem porção principal e central, haja visto que, a linguagem é estruturante da relação pedagógica e tem poderosa influência na aprendizagem dos estudantes.

A dimensão pessoal se representa por meio de vínculos entre professor e alunos, são marcados quase que invariavelmente por certa assimetria que deriva, de um lado do reconhecimento da relevância do saber em jogo na relação pedagógica. Deriva também da aceitação implícita ou explícita de que o professor domina ou pelo menos está mais próximo, desse saber e das melhores maneiras de torná-lo acessível aos alunos. Trata-se da admissão da autoridade pedagógica do professor.

A dimensão cognitiva da relação pedagógica é vital para compreender as maneiras pelas quais a escola encontra (ou não) ressonância entre as crianças e os jovens bem como os papéis que ela representa ou pode representar na solução de

diversos problemas percebidos na sociedade contemporânea. Trata-se de admitir que a escola além de ser destinada à socialização das crianças e jovens, tem a função de propiciar acesso ao saber.

2.3 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR

Tendo em vista a formação do educando, a escola precisa de um projeto pedagógico que invista no ensino aprendizagem de maneira consciente e consistente, projeto esse que por sua vez tenha investimentos pessoais, profissionais e institucionais com objetivos de atender as metas e obter resultados efetivos do ato pedagógico os quais se realizam por meio do planejamento, execução e avaliação. A ausência de um desses três componentes frustra o ato pedagógico; pois um planejamento sem execução é mesmo que uma teoria sem prática e portanto não produz resultados efetivos.

De acordo Luckesi, (2011, p.56) “formação do educando deve ser o norte de todas as ações pedagógicas cotidianas na escola além de servir de parâmetro de avaliação.” Nesse sentido, é importante que as ações pedagógicas sejam mediadas e orientadas por um projeto político pedagógico que visa o ser humano como um ser em desenvolvimento que busca sua autoconstrução e auto-realização. Para isso, é essencial que a prática pedagógica seja construtiva e consequentemente de avaliação para que o educando se forme como sujeito e como cidadão.

A intervenção pedagógica do professor referente ao ensino da leitura e da escrita, segundo Cunha (2014), se materializa por meio de diversos métodos de ensino, no desenvolvimento de projetos didáticos, na consideração aos direitos do educando, e na busca em nortear-se à proposta pedagógica, tendo como início da atividade escolar um planejamento que procura a inserção das diversas disciplinas aos eixos do componente Língua Portuguesa trabalhando assim a interdisciplinaridade.

Vale destacar que o planejamento para uma ação pedagógica seja executado, e com a execução haverá possibilidade de avaliação, capaz de detectar o nível de desenvolvimento de cada criança, pois em cada ciclo de sua vida ela desenvolve diferentes tipos de atividades que é o resultado de sua aprendizagem.

Os métodos de ensino permitem que a aprendizagem especializada influencie o desenvolvimento geral. Por isso, a forma de pensar e agir do professor deve se basear numa teoria específica para o desenvolvimento na aprendizagem. O educador consegue impactar no conjunto de capacidades cognitivas, e através dessa influência leva ao melhoramento de todas as capacidades gerais: Capacidade de observação, de atenção, de raciocínio e etc. (CUNHA, 2014 p.76)

Nos anos iniciais do ensino fundamental a intervenção pedagógica do professor torna-se mais específica porque além de ensinar os conteúdos escolares, contribui no aprendizado da convivência no espaço público da escola. Fazendo com esse convívio seja solidário e democrático. Conforme os PCNs, (2001 p.103) de Língua Portuguesa, “é também no primeiro ciclo que se deve iniciar a constituição de algo que se poderia chamar de “papel de estudante.”

Nesse sentido entende-se que o aluno deverá se dispor a aprender, ter responsabilidades com os estudos e com os materiais, ter capacidade de trabalhar em parceria respeitando os diferentes pontos de vista, as normas de convivência, aos combinados do grupo, a preservação do espaço público entre outras atividades.

No ambiente escolar, todos os alunos devem ser tratados igualmente, o ideal é que tenham as mesmas oportunidades, e dependendo do ritmo de cada aluno, devem ser aplicadas de forma diferenciada. O professor mediador da estratégia que melhor adéqua à evolução do aprendizado, procura conscientizar no formado da aula as experiências vivenciadas por cada um dentro da sala de aula, sua relação social e cultural, principalmente a maneira como a família se relaciona com ele, o “Aluno”.

A prática interdisciplinar que não tem por objetivo eliminar as disciplinas, mas sim integrá-las, trabalha nessa perspectiva de oferecer ao educando condições de vivenciar a prática escolar de forma significativa e consequentemente construindo conhecimentos. (MATTER, 2012, p.18)

As estratégias metodológicas de leitura e escrita requer um trabalho com os diferentes gêneros textuais e exige uma atenção tanto à estrutura quanto ao estudo de palavras novas com localização do significado no dicionário. De acordo Silva, (2014) o professor ao trabalhar atividades de leitura e escrita deve:

- Apresentar leitura de contos clássicos, em seguida dialogar com a turma sobre a história lida acerca dos valores indicados e reforçados na narrativa.
- estabelecer relação entre imagem e texto verbal atribuindo sentido.

- Pedir aos alunos para recontar e se possível reescrever a história ouvida com intuito de estimular o desenvolvimento da escrita e da oralidade. Ao produzir outro texto com base no que foi lido, o aluno desenvolverá a prática da leitura à interpretação e à criatividade.

- Procurar aliar o prazer da leitura à busca de novos conhecimentos sobre a diversidade cultural do Brasil.

- agir pedagogicamente em um aspecto interdisciplinar, ou seja, suas ações pedagógicas deverão ser correlacionadas e independentes.

Por isso Silva, (2014 p.11) afirma que, “o ensino da leitura e da escrita deve manter uma diversidade pedagógica.” Isto é, inserir em suas ações diversos métodos que facilitem a aprendizagem da leitura e da escrita em todas as crianças incluídas nesse processo. Dito isso, cabe ao professor considerar e respeitar os níveis de desenvolvimento e individualidade de cada um dos alunos para que assim todos possam aprender e se desenvolver significativamente.

É importante ressaltar que o professor deve planejar e executar atividades coletivas de leitura e escrita, pois permite que a criança dê sua interpretação pessoal da história, faz com que haja troca de pontos de vista, formulação de hipóteses, criem expectativas com tempestades de ideias, dá oportunidade de ter experiências de vida, e aprendem interagir com o próximo e com os materiais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem possibilitando envolver inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente resultando assim sua integração.

Para que os alunos alcancem e desenvolvam essas capacidades, o educador pode organizar o cantinho da leitura no início do ano letivo para trabalhar diariamente a fim de tornar a leitura um hábito e uma atividade prazerosa. Proporcionar momentos de coletividades através da roda de leitura fazendo com que mergulhem no mundo imaginário da literatura, aproveitando o momento coletivo para lerem e produzirem textos, pois esses eixos também são importantes na colaboração do avanço da aprendizagem.

E ao realizar atividades coletivas de leitura e produção de textos é importante propor aos alunos que vivenciem as atividades envolvendo diferentes gêneros e diferentes atividades desde o 1º ano, para que no final do 3º ano possam ler e produzir textos diversos com autonomia.

De acordo com estudos de Ferreira e Horta (2014), sobre Shaywitz (2008), os aspectos essenciais de um programa de intervenção eficaz para o desenvolvimento

das capacidades de leitura consistem em: Consciência fonêmica – discriminar os sons, identificar e manipular os sons da linguagem falada; Método analítico-sintético – a forma como as letras e grupos de letras representam os sons da linguagem falada; Ler palavras em voz alta (descodificar);- Soletrar; - Ler palavras irregulares que têm de ser reconhecidas visualmente; Enriquecer vocabulário e conceitos; - Estratégias de compreensão da leitura; Prática na aplicação destas competências à leitura e à escrita; Experiências enriquecedoras no campo da linguagem; Ouvir falar acerca de contar histórias; Treino da fluência leitora.

Vale lembrar que a biblioteca escolar é de grande importância nessa questão, sendo assim, é fundamental que ela esteja à disposição dos alunos para poderem ter contato com os variados gêneros textuais, manuseá-los por meio dos diversos livros de contos, de fábulas, de poesias, de consultas em diversas áreas do conhecimento, dicionários, revistas infantis em quadrinhos e de palavras cruzadas, revistas de literatura de cordel. A leitura de diferentes tipos de textos exige aos alunos o domínio de habilidades, que decorre da prática na sua trajetória escolar.

O acervo da biblioteca escolar podem compor ainda materiais impressos, atividades produzidas pelos alunos dos mais variados projetos de estudo, coletânea de contos, piadas brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativa, dossiês sobre assuntos especiais diários de revistas e etc.

Portanto, é necessário que aluno, pratique o hábito da leitura, dos diversos gêneros, livros, revistas e outros, para ampliar seus conhecimentos, suas capacidades de leitura e escrita, interpretação e criação da produção textual. Assim, poderá expandir seus horizontes e ir além, tanto na vida profissional, como na vida social, cultural, acadêmica e afetiva.

2.4 CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Entende-se que a família, é uma importante instituição social que exerce marcada influência na educação dos filhos, ela funciona como um grupo afetivo responsável por grande parte da formação cultural e do estabelecimento dos projetos de vida e identidade dos alunos. É considerada muito importante na vida das pessoas porque é o primeiro grupo social em que um indivíduo faz parte e é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e adolescentes.

Conforme Brendler,(2013) "Tanto o contexto familiar como o escolar tem o papel de desenvolver a sociabilidade, a afetividade e o bem estar físico dos indivíduos".

Sendo assim, é ideal que a escola busque está em harmonia com a família, isto é, procurar conquistar a confiança e o respeito dos pais por meio de um trabalho competente e pedagógico fazendo com que compreendam que eles têm um papel importante na educação e vida de seus filhos para que assim, juntos possam desenvolver cada vez mais atividades que colaborem com o processo ensino-aprendizagem.

A escola é especificamente a instituição social encarregada de promover aprofundar e sistematizar a formação instrucional e a educação da comunidade. Porém ela não deve estar sozinha nessa tarefa. Certamente o que a escola poderia fazer seria envolver a família na empreitada da leitura; convocá-la a participar dos programas, das ações que objetivam promover a convivência do aluno com a cultura escrita. (ANTUNES, 2009, p.188)

Em todas as modalidades de ensino, a família pode e deve estar acompanhando o desenvolvimento educacional do aluno e no caso da Educação Infantil esse dever torna-se ainda maior e mais significativo, porque, trata-se de crianças que estão em desenvolvimento e necessitam de atenção, carinho, proteção e motivação. Por isso os profissionais da educação se preocupam em fazer com que os pais estejam comprometidos com a educação e aprendizagem dos educandos.

Ainda é um desafio fazer com que os pais tenham interesse em realizar o acompanhamento escolar e a compartilhem com as responsabilidades educacionais de seus filhos. Para Brendle, (2013) "as responsabilidades ao invés de ser transferidas devem ser compartilhadas, pois ambas devem ser parceiras, e a escola por mais esforços que faça nunca dará conta de substituir a família".

Atualmente, inserir os pais na escola é um desafio frequente, já que a aprendizagem é a base do indivíduo, e é necessário que a família esteja presente neste processo para a melhoria dos resultados. Como relata na Lei nº 9.394 em princípios e fins da Educação Nacional, Art. 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (SAVIANI, 2003 p.163)

Desse modo, entende-se que não apenas a escola pode contribuir na educação ou formação do sujeito-cidadão, como também a família pode complementar essa ação, ela é importante nesse processo de convivência com o outro, que se expressa na forma de agir podendo modificar tanto o meio em que o sujeito está inserido quanto o sujeito em si mesmo. Costa (2018) complementa que “é dentro da família que se realizam as aprendizagens básicas como a linguagem, sistema de valores controle da impulsividade”.

Porém, se tem notado que muitas das famílias estão sem norte não sabem lidar com situações novas, nem sempre é conhecedora das necessidades da criança e da maneira apropriada de lidar com alguns aspectos pois precisam trabalhar fora o dia inteiro, algumas têm desemprego, briga, drogas, separações, mães solteiras, outras constituições familiares entre outras, essas famílias acabam transferindo suas responsabilidades para a escola e por esse motivo a escola termina alterando suas funções para suprir essas necessidades.

Fica claro que a presença da família é importante no contexto escolar, pois seu papel influencia também na aprendizagem da criança, a mesma deve estar auxiliando-a em casa com as tarefas garantindo uma extensão do ensino da escola. (LOPES, 2016, p.15)

Cada família tem sua singularidade e crenças que acaba transmitindo para seus filhos, educando de acordo com sua visão e suas emoções. De acordo com isso, a escola busca trabalhar com metodologias atrativas, tornando a instituição acolhedora e planejando intervenções como, atividades extracurriculares, exemplo, escolha de profissão, temas relacionados a: HIV, orientação religiosa, disciplina, namoro, drogas e entre outros.

Desta maneira pode-se usar diversas estratégias tal como palestras, debates, discussão com alunos, competições entre classes, apresentação de lazer na escola. Incentivando assim os pais e alunos a desfrutarem e melhorarem a qualidade de vida.

Para que haja uma articulação entre a família e a escola, é preciso antes de mais nada, saber sobre o que pensam os pais sobre seu papel no processo de escolarização dos seus filhos, e assim tentar sensibilizá-los da sua importância no processo de aprendizado. Pois essa participação poderá auxiliar na prática pedagógica dos professores, e juntos família-escola serão responsáveis pela inserção do sujeito na sociedade, fazendo com que o mesmo seja autônomo e crítico em relação ao contexto em que está inserido. (BRENDLE, 2013, p.18)

Para pensar a relação família escola e compreender os discursos da participação dos pais na vida escolar dos filhos, é necessário refletir sobre as diferentes configurações e dinâmicas familiares e aprofundar um pouco sobre as funções e etapas ou ciclos das famílias. Atualmente é comum encontrar famílias que não possuem a figura materna ou paterna. Há famílias em que a mulher assume as duas funções a paterna e a materna. Já a de modelo patriarcal que é o pai que exerce o comando financeiro da casa definindo e direcionando o rumo dos sujeitos, não é mais predominante.

Tanto a família como a escola são instituições importantes na vida da criança, a substituição da família pela escola pode provocar uma insegurança emocional na criança, pois o ambiente da escola é diferente do da família. Cabe então aos professores além de agregar suportes teóricos à formação do indivíduo, deve apoiar as dificuldades apresentadas pelos educandos através da afetividade o que é fundamental no convívio familiar para que a criança possa estabelecer relações confiantes com outras crianças e com os adultos.

Em relação aos problemas dos filhos na escola, é fundamental que haja uma conversa franca dos professores com os mesmos, isso poderá acontecer em reuniões simples ou até mesmo em uma visita até a escola, onde é permitido aos pais falarem e opinarem sobre todos os assuntos, e aos professores e direção cabe informar, ter clareza sobre as expectativas de aprendizagem e atividades previstas na proposta do currículo, para assim ajudar os pais a compreender melhor o cotidiano escolar de seus filhos e ajudá-los nas possíveis dificuldades de aprendizagem. (BRENDELE, 2013, p. 21-22).

Diversos teóricos consideram que a aprendizagem da criança está envolvida ao lúdico, quando a criança tem contato com o concreto, vivencia experiências. E por meio do brinquedo, e a ação de brincar, as crianças terminam adquirindo aprendizagens que no futuro poderá tornar-se seu nível básico de ação e moralidade. Os pais podem motivá-las desde bebês para que vivenciem, experimentem, para serem capazes de resolver problemas com mais facilidade.

O lúdico para aprendizagem escolar não é diferente, é muito importante, proporciona um meio real de aprendizagem, auxilia também os professores, que serão capazes de identificar em que nível de aprendizagem a criança se encontra, e isso será o ponto de partida para promover novas aprendizagens tanto cognitivas quanto afetivas.

3 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS: ANÁLISE NA EMEIF ENGº. FRANCISCO BARROS EM ITAITUBA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Engenheiro Francisco Barros está localizada na sede do Distrito de Campo Verde – km 30 entroncamento das BRs163 e 230, foi inaugurada no dia 01 de Maio de 1983. Com o crescente número de alunos e a falta de espaço adequado houve necessidade de ampliar um novo prédio a qual foi construído também em novo terreno, com salas e espaços mais amplos.

Esse novo espaço foi inaugurado no dia 20 de Dezembro de 2012 e a escola seguiu com a mesma denominação. Atende a um total de 829 alunos somando Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1.º ao 9.º ano e da EJA – Educação de Jovens e adultos. Recebe alunos da sede do distrito e comunidades circunvizinhas. Ela também empresta salas para o funcionamento de cinco turmas de Ensino Médio que funcionam na escola como anexo da Escola Estadual de Ensino Médio Benedito Correa de Sousa localizada na sede do município de Itaituba.

A estrutura física atual possui (14) salas de aula; (1) secretaria escolar com almoxarifado; (1) sala de direção; (1) sala pedagógica; (1) sala de professores com banheiro interno; (1) biblioteca; (1) Sala de Recurso Multifuncional; (1) sala de informática; (1) cozinha com depósito para merenda; (1) almoxarifado; (1) auditório com banheiros; (1) laboratório de Ciências; (3) áreas cobertas; (12) banheiros para alunos e funcionários (1) Quadra coberta (1) Quadra de areia; (1) Poço artesiano. Mobiliário da escola é suficiente ao número de alunos e o de professores, porém algumas cadeiras, mesas para os alunos com necessidades de conservação.

O quadro de docentes da referida escola conta com (26) professores, sendo (8) efetivos e (18) temporários. (15) funcionários de apoio, sendo eles, (9) auxiliares de serviços gerais, (3) merendeiras e (3) vigias. Na função administrativa e pedagógica conta com (2) técnicas, (1) secretário escolar. Atualmente a escola, está sobre a administração da professora Jaciara Mota e da vice, Hilda Soares Lima.

A Escola Engenheiro Francisco Barros em sua trajetória tem procurado cumprir sua missão que é a de contribuir para a constante melhoria das condições

educacionais da população de Campo Verde, com visão de assegurar-lhes uma educação de qualidade dentro de um espaço criativo e acolhedor e que respeite os princípios humanos, trabalhando em busca de ser referência municipal, educando sujeitos críticos, reflexivos, participativos e capazes de interagir em qualquer situação na área de educação.

Com responsabilidade social tem procurado “exercer a cidadania contribuindo, através da educação, o desenvolvimento da sociedade e respeito ao meio ambiente.” A gestão enfatiza o trabalho “Democrático que valorize os princípios da transparência, equidade, prestação de Contas e responsabilidade corporativa.” a qualidade do ensino escolar tem prioridade em, O principal desafio do Projeto Político Pedagógico da escola é de garantir a todos os seus alunos uma educação que lhes permitam ter ascensão social e cultural, necessidades imprescindíveis da sociedade atual.

Para superar esse desafio, a escola tem contado em 2018/ 2019 com o Programa Mais Alfabetização e recentemente foi contemplada com o Programa Educação Conectada que ainda está em fase de adequação. A equipe técnica e o corpo administrativo procuram estimular a inovação e a criatividade, um trabalho de forma planejada integrada com foco nos resultados, propiciando a perenidade da organização, isso é feito com incentivos, orientações, apoio, busca de materiais, novas metodologias adequando-se à realidade, necessidade e limitação do educando.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia desse estudo, foi baseada na pesquisa bibliográfica, cujos autores são: (AZEREDO; PIZETTA, 2016), (GIL, 2008), (LOPES, 2016), (ROJO, 2009), (SCHWARTZ, 2012), (SILVA; 2013), que tratam do tema em estudo. De acordo com (Gil, 2008) o estudo bibliográfico é fundamental, pois embasa o referencial teórico da pesquisa.

Também ocorreu uma investigação de campo, onde tratou-se de uma abordagem qualitativa em que a pesquisa de campo é desenvolvida para compreender as dificuldades de leitura e escrita dos alunos e da prática docente no processo de ensino e aprendizagem, nos anos iniciais do Ensino Fundamental; e uma análise dos mesmos na EMEF Eng. Francisco Barros em Campo Verde, Itaituba Pará. A Pesquisa foi de cunho qualitativo e exploratório; pois,

A análise dos dados das pesquisas experimentais e dos levantamentos é essencialmente quantitativa. O mesmo não ocorre no entanto, com as pesquisas definidas com as pesquisas de campo, estudos de caso, pesquisa ação, ou pesquisa participantes. Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa. E ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas, para orientar os pesquisadores. Assim, a análise de dados na pesquisa qualitativa depende muito da capacidade e do estio do pesquisador. (GIL, 2008, p. 83)

A investigação buscou responder às seguintes questões: Quais os desafios que professores e alunos encontram no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita? Quais metodologias são utilizadas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos educandos? A escola está preparada para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos?

Os objetivos que essa pesquisa pretendeu alcançar consistiram em analisar os desafios da leitura e escrita e os fatores que interferem no processo de ensino aprendizagem de professores e alunos em anos iniciais do Ensino Fundamental; Identificar os desafios e dificuldades de professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita; Apontar as metodologias utilizadas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos educandos; Compreender a estrutura e funções da escola para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos na leitura e escrita em anos iniciais do Ensino Fundamental.

O presente estudo foi realizado na EMEIF Engenheiro Francisco Barros em Campo Verde Itaituba-Pará, em Setembro de 2020, onde os sujeitos da pesquisa foram professores da referida escola. Os dados foram coletados por meio de questionários individuais para entrevistas, com coletas e análises de dados com discussão sobre as respostas, propostas contribuintes e sugestões; e por fim a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos utilizados para o embasamento teórico na elaboração do trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para uma melhor compreensão e realização desta pesquisa sobre a temática leitura e escrita nos anos iniciais, tornou-se necessário entrevistas por meio de um questionário, em que cinco professores foram entrevistados, sendo quatro do sexo

feminino e um do sexo masculino, tendo ele quarenta anos de idade, graduado em Pedagogia, trabalha na educação há quinze anos somente nesta instituição escolar.

As professoras entrevistadas possuem idade entre quarenta e oito anos e vinte e nove anos, a primeira é graduada em Pedagogia e pós graduada em Alfabetização / letramento, Ensino Religioso e Artes, trabalha há dez anos na educação apenas nesta mesma escola. A segunda entrevistada é graduada em pedagogia e pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva, e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica, trabalha há dez anos na educação e somente nesta escola.

A terceira é graduada em letras e pós- graduada em Educação Especial e Inclusiva, trabalha há vinte e quatro anos na educação e dezesseis anos nesta escola e o restante em outra instituição. A quarta é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Alfabetização e letramento, trabalha há oito anos na educação, sendo quatro anos nesta escola e mais quatro em outra Instituição. A entrevista na escola pesquisada ocorreu em setembro de 2020, sendo uma tarefa de suma importância para a análise e produção deste trabalho.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Na atual sociedade a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem da leitura e da escrita são primordiais, pois o indivíduo para se tornar um sujeito e cidadão pleno com efetiva participação social, necessita, além de reconhecer o código escrito, é ideal que desenvolva a compreensão, interpretação tanto de leitura de textos, de mundo, quanto da leitura do código escrito, e assim não estará excluído socialmente por não conseguir usar os recursos tecnológicos da atualidade.

Daí há importância de utilizar didáticas, métodos inovadores ou recursos que despertem nos educandos o interesse de desenvolver o hábito da leitura, visto que, eles muitas vezes encontram coisas bem mais atrativas e interessantes para eles.

Nesse sentido, esta pesquisa busca respostas para a questão abordada, onde enfatiza-se as dificuldades que o cidadão enquanto aprendiz que frequenta a escola enfrenta em seu ambiente de educação escolar; e inicia-se com a pergunta sobre o significado da linguagem da leitura e da escrita para o sujeito.

Quadro 1: Para você, o que significa a linguagem da leitura e escrita para o sujeito? **Fonte:** Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	A linguagem da leitura é uma maneira de comunicar-se com o texto impresso por meio de busca e compreensão na qual implica aprender a descobrir os sinais da linguagem; assim, a escrita é uma forma de representar a linguagem oral, escrever também é um ato de significar, de representar ideias, sentimentos por meio de símbolos.
P2	Consiste em formar sujeitos que sejam capazes de produzir e interpretar textos.
P3	Significa o aumento do conhecimento, além de aprimorar o vocabulário e ajuda no desenvolvimento na construção de um texto, é de suma importância para o ser humano a leitura e a escrita pois favorece o aprendizado de conteúdos específicos e aprimora a escrita do sujeito.
P4	Formar sujeitos que sejam capazes de produzir e interpretar textos. Conhecer e dominar o sistema da escrita. A leitura e a escrita foram desenvolvidas com intuito de aprofundar e desenvolver a compreensão do processo de leitura e escrita na construção dos sujeitos.
P5	É por meio da leitura que o sujeito consegue extrair algum significado, compreendendo o que o texto ou história está passando, ou seja, um sentido. E nesse sentido a escrita também é uma forma de se expressar usando uma linguagem o qual represente ideias, sentimentos, etc.

De acordo as respostas dos professores a questão abordada sobre o que significa a linguagem da leitura e da escrita para o sujeito, entende-se que é por meio da aprendizagem da linguagem da leitura e da escrita que os sujeitos conseguem comunicar-se com o texto através da interpretação, compreensão e o domínio do conhecimento dos sinais da linguagem.

Neste sentido, percebe-se que o ser humano é capaz de aumentar seus conhecimentos, aprimorar seu vocabulário, fazendo com que os indivíduos desenvolvam a habilidade de ler, compreender e produzir textos para expressar e representar suas ideias e sentimentos, o que contribui na construção e formação do sujeito.

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só palavras, mas, também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, PCN,s, 2001, p.24)

Conforme Brasil (2001), desde o momento em que se aprende a linguagem verbal há conservação de um vínculo muito estreito com o pensamento podendo representar, regular e orientar pensamento e ação, próprios e alheios, além disso,

permite comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, há como influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais.

Por meio da produção da linguagem, aprende-se linguagem que se realiza na interação verbal dos interlocutores e só há compreensão se considerar-se o seu vínculo com a situação concreta de produção, e é no interior do funcionamento da linguagem que se compreende o modo desse funcionamento. A questão seguinte aborda os desafios da leitura e da escrita que os professores encontram nos anos iniciais.

Quadro 2: Quais os desafios da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental? **Fonte:** Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	A leitura e a escrita não é um ato muito apreciado pelos alunos, entretanto fazer o que é necessário em relação ao ensino da leitura e escrita na escola é um desafio a ser superado.
P2	São muitos os desafios que vivenciamos nos últimos anos em que todos os alunos tenham uma educação de qualidade, um dos pontos é a falta de participação da família no processo de alfabetização da criança, pois estimula seu desenvolvimento cognitivo.
P3	No meu ver, a maior dificuldade para se trabalhar a leitura e a escrita é a dislexia, pois afeta muito o desenvolvimento da criança. Outro desafio é a família que cobra da escola, porém, não faz sua parte e só professor em sala de aula com tanta cobrança de ambas as partes ficam esgotados.
P4	Acredito que o maior desafio para a prática da leitura e escrita é a falta de interesse dos alunos, mas existem outros como a dislexia, falta de incentivo por parte da família.
P5	Apresentam diversas dificuldades de leitura e escrita, principalmente quando a criança não consegue escrever as letras confundem uma com a outra e ao mesmo tempo por não reconhecer a letra.

Diante das respostas dos professores, percebe-se que os desafios da leitura e da escrita nos anos iniciais são muitos, a qual dois dos professores apontam que os maiores desafios é a falta de interesse dos alunos por não ser um ato muito apreciado por eles, o problema da dislexia que afeta muito o desenvolvimento da criança, e três comentam a falta de incentivo e participação por parte da família no processo de alfabetização.

Outro desafio apontado como principal é quando a criança não consegue escrever nem reconhecer a letra confundindo uma com a outra, uma leve característica da dislexia, entretanto, uma professora relata que fazer o que é necessário em relação ao ensino da leitura e escrita na escola é um desafio a ser superado. Sendo assim, considera-se importante que o professor esteja atento,

informado para saber definir e caracterizar as dificuldades para detectar no aluno tal dificuldade e assim, trabalhar de acordo às necessidades e especificidades de cada aluno.

As origens dos distúrbios de aprendizagem na área da leitura e da escrita podem ser orgânicas abrangendo cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais, motoras e intelectuais, disfunção cerebral e outras enfermidades duradouras; psicológicas vinculadas a desajustes emocionais, ansiedade, insegurança e autoestima baixa; pedagógicas relacionadas aos métodos impróprios de ensino, ao mau desenvolvimento dos pré-requisitos indispensáveis para o processo de aprendizagem, método do professor, o atendimento nas classes entre outros fatores influentes ao ensino e aprendizagem; socioculturais que diz respeito a falta de estimulação, a desnutrição, a privação cultural do meio; ou dislexia que é um distúrbio de leitura, que é representada por um déficit na competência de simbolizar e comumente só é percebida na primeira e segunda série do ensino fundamental. (OLIVEIRA, 2014, p.24)

Para essa questão das dificuldades de leitura e escrita é imprescindível que todos que estão envolvidos na aprendizagem e educação da criança, procurem auxiliá-las a fim de reduzir ou solucionar as dificuldades encontradas. Não só a escola, mas também a família é fundamental que juntos busquem métodos diferenciados, apropriados e eficazes, meios que contribuam; incentivam os alunos à busca de conhecimentos e de se desenvolver-se no contexto social e educacional.

Em relação às deficiências, principalmente se for média ou grave, é ideal procurar profissionais especializados na área como psicopedagogo capacitado, ou até mesmo um profissional da saúde, como um neurologista, psicólogo, pediatra ou psiquiatra para realizar um diagnóstico.

Na realidade, assim poderá proporcionar à criança um acompanhamento e tratamento adequado o que facilitará numa melhor recuperação e no desenvolvimento da aprendizagem. Pois o conhecimento que se busca na escola, quando encontra-se dificuldades, busca-se superar para que não consistam em desafios, e se torne a problemática que poderá afetar o aprendizado do aluno. Diante disso, a pesquisa prossegue, onde a próxima pergunta é sobre as metodologias que facilita o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita.

Quadro 3: Quais metodologias são utilizadas para o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita? **Fonte:** Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Observa-se que é necessário utilizar metodologias na qual envolva a capacidade de produção do aluno, através do estímulo na realização e participação das atividades de interação e contextualização da realidade.
P2	Nesse caso devemos levar em conta a capacidade de produção do aluno através de estímulos na leitura; na participação das atividades de interação e contextualização da sua realidade se tornando um sujeito da sua própria aprendizagem.
P3	Hoje, apesar da globalização e de termos à mão várias metodologias como jogos pedagógicos e outros, mas o que ainda prevalece é a mecanização ou seja, memorizar códigos e letras usando como recursos livros e apostilas de alfabetização.
P4	Utilização do alfabeto móvel, posteriormente palavras frases e textos (trabalhar pequenos textos como poesias, parlendas, cantigas de roda, caça palavras, cruzadinhas, jogos de leitura e escrita para tornar o processo mais lúdico e criativo.
P5	São utilizados alguns métodos como livros de histórias infantis para que os alunos possam manusear e ler com facilidade como também formação de palavras com fichas com sílabas, jogos de cruzadinhas e etc. Leitura todos os dias para melhorar no ensino aprendizagem.

Segundo as respostas de dois professores observa-se que é importante considerar a capacidade de produção do aluno, usando metodologias que estimulem o hábito da leitura por meio de atividades interativas que contextualizam a realidade do aluno fazendo com que eles participem e realizem das atividades propostas para que se tornem sujeitos de sua própria aprendizagem. Outros dois destacam o uso de materiais diversificados que facilitam o processo de ensino aprendizagem relatam a importância do uso de variados recursos que tornam o processo mais lúdico e criativo e que o trabalho de leitura, seja realizado todos os dias.

Diante disso, percebe-se que alguns professores da escola têm dificuldades em inovar metodologias significativas, ou utilizar recursos diferenciados, pois um relata que, apesar de terem à mão diversas metodologias, vários recursos como jogos pedagógicos e outros. Matter explica que:

A prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional. Quando falamos em ruptura com o tradicional, não falamos em eliminar as diferentes áreas do saber, mas sim uni-las, transformá-las em um saber significativo ao educando. O educador interdisciplinar vive com o outro, possibilitando a interdependência, o encontro, o diálogo e as transformações. (MATTER, 2012, p.20)

O educador que trabalha nos anos iniciais, geralmente trabalha com a maioria das áreas do conhecimento, por isso, cabe a ele eliminar barreiras entre os componentes curriculares, buscar uma metodologia inovadora, dentro de uma visão interdisciplinar com a tentativa de romper com um ensino mecânico que apenas repassa informações.

Para que o aluno não seja um mero espectador passivo, mas sim um sujeito pensante, pesquisador, que busque novas aprendizagens, o educador tem de procurar estar cada vez mais informado tanto com os conhecimentos específicos do componente curricular, ou seja, com os conteúdos, quanto com as questões da atualidade e realidade da sociedade, contextualizando-os, para que o educando seja capaz de produzir seu próprio conhecimento. Continuando a investigação, a seguinte pergunta ressalta o lúdico para aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais.

Quadro 4: O lúdico tende a facilitar a aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais? Por quê?
Fonte: Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Sim, o lúdico proporciona às crianças um aprendizado mais divertido e de sucesso, o mesmo se sente motivado em participar das atividades propostas.
P2	Sim, pois as atividades lúdicas na alfabetização como jogos e brincadeiras, têm contribuído muito para a formação de atitudes sociais, como o respeito mútuo, cooperação, relação social e interação, auxiliando na construção do conhecimento.
P3	Sim, porque chama a atenção do sujeito e desperta a curiosidade de aprender e o deixa mais entusiasmado para aprender o que está sendo transmitido.
P4	Sim, porque torna a leitura e a escrita mais prazerosa e atrativa.
P5	Sim, principalmente nos primeiros anos, as crianças como já são acostumadas com a ludicidade na educação infantil, é por meio das músicas, brincadeiras de roda e de jogos que facilitam na aprendizagem.

De acordo às respostas dos professores observa-se que o lúdico favorece a aprendizagem dos alunos contribuindo no sucesso escolar do aluno, pois o mesmo se sente mais motivado, em realizar às atividades propostas, entusiasmado em aprender o que está sendo transmitido, colabora na formação de atitudes sociais, auxilia na construção do conhecimento, desperta a curiosidade de aprender.

O lúdico torna a leitura e a escrita mais prazerosa e atrativa, pois eles aprendem a aprender e de maneira divertida tornando a aprendizagem real.

Geralmente na Educação Infantil as crianças estão habituadas a realizar atividades lúdicas, daí o motivo deles continuarem a preferir jogos, brincadeiras educativas e ao participar de atividades lúdicas e coletivas, eles acabam interagindo com outros colegas, com o professor e com os objetos pedagógicos, resultando no aluno o interesse na aprendizagem.

Brincar com o outro, portanto é uma experiência de cultura e um complexo processo interativo e reflexivo que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo. O brincar contém o mundo e ao mesmo tempo contribui para expressá-lo, pensá-lo e recriá-lo. Dessa forma amplia os conhecimentos da criança sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor. (BRASIL, 2006, p.41)

O espaço do brincar nas nossas escolas é uma forma de interpretar, agir, e nos relacionar com o mundo e com os outros, vivenciada como experiência que nos humaniza levando-nos à apropriação de conhecimentos, valores e significados, com imaginação, humor, criatividade, paixão e prazer.

Sendo assim, se incorporar-se de forma mais efetiva a ludicidade nas nossas práticas, estaremos potencializando as possibilidades de aprender e o investimento e o prazer das crianças e dos adolescentes no processo de conhecer.

A maneira como a criança brinca reflete seu modo de agir. O lúdico na aprendizagem é capaz de desenvolver habilidades importantes, como atenção, imitação, memória e até imaginação. O cérebro humano se desenvolve por estímulos recebidos nos primeiros sete anos de vida. Por isso, é necessário incentivar todos os aspectos: cognitivo, motor e afetivo.

E com certeza pode-se descobrir também novas formas de ensinar e de aprender com as crianças e com os adolescentes. Através de brincadeiras, a criança tem apoio para superar dificuldades de aprendizado.

Dessa forma, aprender brincando melhora não só o rendimento escolar, mas o ganho no conhecimento, na comunicação e também no modo psicoemocional. Brincar é uma forma de expressão da criança que ajuda tanto na questão intelectual quanto emotiva e, por isso, não poderia deixar de fazer parte desse rol de estratégias para lidar com essa situação tão específica. Continuando a investigação, a questão seguinte relata sobre a escola está preparada para desenvolver a aprendizagem dos alunos.

Quadro 5: A escola está preparada para desenvolver a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Acredito que não, até porque o professor deve estar em constante aprendizado, a cada dia surge algo novo na educação e o professor tem que estar preparado para as mudanças.
P2	Nesse mundo tecnológico que estamos vivendo nem sempre as escolas estão, depois desses recursos, que servem de suporte ao professor. O aluno de hoje está sempre investigando coisas novas que o atraem de forma a satisfazer suas necessidades de conhecimento.
P3	Não, pois a escola é uma equipe e quando se fala em ensinar a ler e escrever a escola tem deixado essa responsabilidade somente para o professor e muitas vezes as crianças em si não tem vontade ou não gosta dessa prática.
P4	Acredito que sim, pois os professores são preparados, existem materiais pedagógicos suficientes e a escola conta com projetos que visam alfabetizar o aluno nos anos iniciais, como o Programa Mais Alfabetização.
P5	Nem sempre, pois os recursos não são suficientes para os alunos com dificuldades de aprender.

Conforme as respostas dos professores, percebe-se que a escola nem sempre está preparada, pois para isso, o professor deve estar em constante aprendizado e preparado para as mudanças que vão ocorrendo, procurar ampliar seu saber para estar à par dos conhecimentos que satisfazem as necessidades da criança, utilizar os recursos tecnológicos, que servem de suporte no processo de ensino, instigando os alunos a perceberem a importância da busca de novas aprendizagens.

No processo de leitura e escrita, entende-se que a escola, muitas vezes, deixa essa tarefa apenas ao professor o que não deve acontecer, pois, ela é uma equipe e todos que estão envolvidos na educação são essenciais em estimular, motivar os alunos a se dedicarem no aprendizado da leitura e escrita. Diante disso, é preciso atitude e ação de quem trabalha na escola, para um trabalho coletivo significativo.

A escola muitas vezes falta recursos suficientes que facilitam a aprendizagem dos alunos com dificuldades específicas de leitura e escrita, entretanto é aí que o professor capacitado, preparado e motivado na tarefa de ensinar, buscará soluções para superar os obstáculos e dificuldades, por meio da comunicação, socialização com professores mais experientes, técnicos (as) ou profissionais da educação que pode orientá-los e ajudá-los, e juntos desenvolver um trabalho de sucesso.

Quando uma criança apresenta dificuldade de aprendizagem na alfabetização o compromisso deve ser de todos que convivem com a criança, pais, escola, professor, coordenador e a criança, estes devem estar em sintonia, cada um fazendo sua parte em prol de melhorias para a aprendizagem. Sendo assim, a reciprocidade entre todos é essencial, pois na escola a criança vai receber ajuda do professor, e em casa deve ser auxiliado pelos pais. (LOPES, 2016, p.12)

Diante do contexto exposto, a escola estará preparada se contar com professores capacitados, preparados e compromissados em participar de cursos de formação continuada ou na busca de aprimorar seus conhecimentos através de pesquisas para se adequar às realidades vivenciadas no ambiente escolar. Se o trabalho de ensino for realmente democrático, recíproco, em que todos participam e colaboram coletivamente em prol da formação do aluno.

Buscar utilizar didáticas, métodos que possa suprir a falta de recursos, muitas vezes, o professor por meio de cursos de formação continuada aprende a criar recursos pedagógicos através de materiais reciclados, isso, além de ser uma ação sustentável, contribui no ato pedagógico; e conseqüentemente no aprendizado do educando. Dando continuidade à investigação, a seguinte questão relata sobre como os professores lidam com as dificuldades de aprendizagens dos alunos.

Quadro 6: Como você lida com as dificuldades de aprendizagem dos alunos? **Fonte:** Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Nesse processo é importante envolver a família na parceria para valorizar a auto-estima do aluno, orientando na organização do ambiente e rotina de estudos.
P2	Dificuldade de aprendizagem sempre vai existir, um por falta de interesse, outros por indisciplina, mas o importante é nunca perder o foco, estar sempre motivado e a cada dia fazer o seu melhor com novas metodologias que estimulem seus alunos.
P3	Tento reconhecer a dificuldade da criança, evito brigar, busco apoio técnico, converso com outros professores, converso com os pais e com a criança.
P4	Orientando naquilo que tem mais dificuldade e sempre observando o aluno se está melhorando; uso metodologias e atividades diferenciadas de acordo com a dificuldade de cada aluno.
P5	Da melhor forma possível, recorrendo a métodos que possam melhorar ou até somar na dificuldade da criança, tanto na leitura como na escrita que sempre tem que andar junto.

De acordo com as respostas dos professores, compreende-se que para lidar com as dificuldades de aprendizagens dos alunos é importante envolver a família no contexto escolar do aluno, orientar na organização do ambiente, na rotina de

estudos, naquilo que ele tiver mais dificuldade, observando se está havendo algum avanço na aprendizagem, reconhecer a dificuldade de cada criança e usar metodologias diferenciadas e adequadas à dificuldade buscando apoio técnico, da família, e de outros professores.

Destaca-se também que dificuldade de aprendizagem sempre vai existir, mas é importante que o professor esteja sempre focado, motivado, tentando fazer seu trabalho da melhor forma possível, recorrendo a métodos que além de estimular os alunos, melhore na dificuldade da criança.

Além disso, é preciso que se criem condições para que todos os educandos desenvolvam suas capacidades e aprendam e construam os conhecimentos necessários para a compreensão da realidade e de participação em relações sociais e culturais, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.(MATTER, 2012, p.18)

Para Matter (2012), a metodologia que beneficia os alunos é aquela que além de trabalhar de acordo à realidade do aluno, ou da sociedade, faz a ligação, conexão entre as diferentes áreas do saber, unindo-as de modo que facilita a compreensão, por meio da contextualização da realidade em que o educando está inserido.

Através de brincadeiras, a criança tem apoio para superar dificuldades de aprendizado. Dessa forma, aprender brincando melhora não só o rendimento escolar, mas o ganho no conhecimento, na comunicação e também no modo psicoemocional. Pessoas com dificuldade de aprendizagem são facilmente sujeitas às distrações. Portanto, minimizar a presença de outros estímulos que possam competir por sua atenção é uma das chaves para deixar o aluno mais concentrado.

Por meio dessa interpretação da realidade, e de conhecimentos específicos, e do mundo à sua volta, os indivíduos são capazes de desenvolverem habilidades, construir conhecimentos e de participarem das relações sociais e culturais o que permite a construção de sujeitos democráticos que exercem a cidadania.

Para crianças com dificuldade de aprendizagem, incorporar uma rotina diária em suas vidas também é extremamente benéfica. Ordem e estrutura são importantes para elas se concentrarem e aprenderem de forma eficaz. Seguindo a investigação, a próxima pergunta é referente à contribuição dos pais na educação e aprendizagem de seus filhos

Quadro 7: Os pais contribuem para a educação e aprendizagem de seus filhos? Comente. **Fonte:** Professores EMEF Eng. Francisco Barros em Campo verde, Itaituba- Pará/2020

PROFESSORES	RESPOSTAS
P1	Sim, as dificuldades de aprendizagem podem acontecer com qualquer criança. Portanto é necessário respeitar as limitações que a criança demonstra, mantendo o olhar atento ao desenvolvimento da criança. Esteja aliado ao professor para identificar algum problema caso a criança apresente.
P2	Nem sempre isso acontece, na sua maioria é a escola que acaba assumindo esse papel. A família tem o dever de acompanhar o desempenho escolar de seu filho com responsabilidade, os pais precisam estar cientes da proposta pedagógica da escola.
P3	Não, a maioria (digamos que 90%) só colocam os filhos na escola e deixam toda responsabilidade de ensinar e educar na própria escola e se são chamados lá ainda vão cheios de arrogância.
P4	Sim, alguns pais procuram a escola para saber como fazer para ajudar seus filhos na leitura e escrita e recebem orientações para trabalharem com seus filhos e juntos minimizar essa problemática.
P5	Raramente, muitos deixam os filhos na escola como se fosse um depósito de criança, como se a escola fosse o único e suficiente para aprendizagem da criança. E alguns não se importam em acompanhar seus filhos em casa.

Diante das respostas dos professores, percebe-se que a escola ainda tem esse desafio de fazer com que a maioria dos pais participe, contribua na educação e aprendizagem de seus filhos, alguns demonstram preocupação em como ajudar seus filhos na leitura, daí, recebem orientações em como minimizar a dificuldade que o filho se encontra. No entanto, outros não se mostram responsáveis, com isso, acaba ficando a responsabilidade apenas à escola, de ensinar e educar observa-se que muitos pais deixam seus filhos na escola como se lá fosse depósito, único e suficiente lugar para aprendizagem deixando sem acompanhamento em casa. Assim, precisa-se de um trabalho coletivo, como afirma Brendle (2013):

Nesse sentido, o gestor deve ser um mediador nesse processo buscando trazer os sujeitos a pensarem e discutirem estratégias, o diálogo é fundamental para alcançar sucesso nessa empreitada. Todos unidos com um só objetivo, uma educação de qualidade que possibilite a transformação social. (BRENDLE, 2013, p.26)

Uma professora relata que a dificuldade de aprendizagem pode ocorrer com qualquer criança, por isso o professor deve respeitar as limitações, mantendo a observação ao seu desenvolvimento para identificar o problema que ela apresentar. Diante dessa resposta, subentende que ao observar a criança, e se ela apresentar

dificuldade, é que a professora comunicará aos pais e procurará meios que possa ajudar a criança e a família diante do problema detectado.

Vale destacar que é necessário que o professor relate o problema da criança à equipe escolar e à família, isso é importante para que não apenas o professor seja o total responsável pelo o desenvolvimento educacional, mas todos os que convivem com a criança, seja a família, ou a equipe escolar. Porém, muitas vezes, pelo fato de a família não comparecer e quando comparecem á escola se mostram arrogantes, daí que a criança que está encontrando dificuldade no processo de aprendizagem muitas vezes é prejudicada causando a repetência de ano letivo.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Diante das dificuldades analisadas na pesquisa referente aos desafios da leitura e da escrita no processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais, há necessidade de sugerir propostas educacionais que podem contribuir no ato pedagógico do professor e que o processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita seja significativo e efetivamente de qualidade para que o aluno durante o percurso de estudos esteja sempre motivado em aprender a aprender.

Para isso, é de suma importância que o professor adote em sua prática a utilização de diversas didáticas, métodos e recursos que despertem no aluno o interesse por ler e produzir diferentes textos, orientando a finalidade de cada texto, por isso o educador alfabetizador deve:

- Alfabetizar na perspectiva do letramento, ou seja, além de ensinar a reconhecer o código escrito, explicar a relação entre fonema e grafema e os significados ou sentido que a palavra, frase, ou texto quer nos dizer.
- Planejar antecipadamente inclusive as leituras indispensáveis, considerando as necessidades, limitações e realidade do educando e o conteúdo a ser trabalhado diariamente.
- Realizar atividades interativas, individuais e coletivas com uso de materiais, jogos ou brinquedos pedagógicos que estimulam a aprendizagem, participação e socialização entre professor – aluno – conhecimento, com o objetivo de avaliar, e detectar a dificuldade que o aluno apresenta.
- Elaborar projetos que envolvam os pais na aprendizagem da leitura e escrita, desenvolvendo rodas de leituras, poesias, músicas, teatro, com educadores, estudantes,

pais, avós, e ao final do projeto, valorizar os alunos que adquiriram hábitos de leitura, por meio de premiações com placas de aluno leitor do ano.

- Conduzir o aluno com dificuldade de aprendizagem específica de leitura ao especialista, profissional capacitado, que dirá se o aluno deve frequentar ou não a sala de recurso multifuncional.
- Disponibilizar aos alunos o uso dos diversos livros da biblioteca para aplicar atividades interdisciplinares, orientando-os com os cuidados importantes na manutenção do livro.
- Qualificar-se realizando pesquisas que promove aprendizado com intuito de melhorar tanto a sua tarefa de ensinar, como de oferecer um ensino de qualidade.

Dessa forma, o ensino escolar de acordo política educacional tem o dever de propor a todos os indivíduos uma educação em que valoriza o direito de igualdade de oportunidades e condições para o exercício da cidadania, contribuindo com toda a comunidade ao oferecer aos alunos respeito, ensino, educação, apoio, afetividade e a garantia da formação de todos os educandos à convivência da sociedade.

Portanto, ser professor não é uma tarefa simples, pois é um desafio, sendo uma profissão que profissionaliza que capacita outras pessoas, mas exige desse profissional, vocação, dedicação, ética, pesquisa, humildade, tolerância, competência, segurança e generosidade, principalmente aos que mais necessitam e interessam.

O papel do professor é essencial, haja vista que, seu trabalho é indispensável para reduzir ou solucionar as dificuldades de ensino-aprendizagem o que requer dele uma reflexão sobre sua própria prática, um bom senso e comprometimento, saber ouvir, respeitar, ser coerente, pois além de transmitir informações, conhecimentos, necessita criar, elaborar condições que provoque a aprendizagem, que possibilite ao sujeito ser capaz de duvidar de criticar, de sentir, intuir, de lutar por si e pelo bem comum.

CONCLUSÃO

O presente estudo sobre o tema desafios da leitura e da escrita no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais teve como principal objetivo analisar os desafios da leitura e da escrita e os fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem de professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Engenheiro Francisco Barros, no sentido de identificar quais desafios da leitura e da escrita que a escola enfrenta e que metodologias são utilizadas para superar as dificuldades encontradas e se a escola está preparada para desenvolver a aprendizagem dos alunos.

De acordo à pesquisa realizada na escola, percebeu-se que existem diversas, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita principalmente para os alunos que não se sentem motivados em realizar a leitura, ou que não se habilitam a esta prática; aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagens específicas da leitura, como a dislexia; e aqueles em que os pais não contribuem efetivamente na educação escolar de seus filhos.

Esse estudo possibilitou a melhor compreensão dos desafios encontrados na escola por professores e no ambiente escolar que procuram trabalhar qualificadamente e com intuito de utilizar metodologias diversificadas, inovadoras e eficazes para que o aluno aprenda a leitura e a escrita e se desenvolva em sociedade. Haja vista que, a aprendizagem da leitura e da escrita proporciona o desenvolvimento de competências, habilidades essenciais e benéficas ao longo da escolarização em todo decorrer da vida humana.

Percebeu-se que para superar os desafios encontrados, a escola, assim como os professores têm se preocupado em oferecer aos alunos um ensino que garante a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura e da escrita. Através de um ensino significativo que propicia o diálogo e a cooperação entre todos os envolvidos na educação, uso de metodologias diferenciadas e adequadas às dificuldades, necessidades e limitações do aluno, como por exemplo, a ludicidade que estimula a aprendizagem, desperta a curiosidade do aluno.

Reconhece-se que as dificuldades no ambiente escolar sempre serão ocorrentes, mas o importante é procurar manter o foco, a motivação e o

compromisso buscando aprimorar seus conhecimentos para a realização do ato pedagógico.

A escola dispõe de uma estrutura adequada para atender a demanda de todos os alunos inclusive aqueles com deficiência na aprendizagem que necessita de acompanhamento pedagógico e psicológico, disponibilizando a sala de recursos multifuncional com professor habilitado na área. Percebeu-se também que a escola tem procurado realizar projetos que visam à integração da família no contexto escolar, por meio de reuniões, palestras, diálogo entre pais e professores, porém nem sempre o possível é realizado por razões superiores as suas possibilidades e expectativas.

Com as respostas dos professores, constatou-se que eles juntamente com a contribuição da família, são peças chaves para a vida dos alunos no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita. Entretanto enfatizam que, para a escola está preparada, é de fundamental importância que o professor seja capacitado, preparado e que esteja apto a está em constante aprendizado para saber utilizar recursos da atualidade, e que toda a escola trabalhe em equipe, não deixando a responsabilidade do ensino da leitura e da escrita apenas ao professor, e que os recursos sejam suficientes à demanda de alunos com dificuldades específicas de leitura e escrita.

Portanto, percebe-se que as dificuldades de leitura e escrita são desafios que alunos e professores enfrentam no âmbito escolar e que impedem o bom desempenho das crianças e que para superá-los, o professor deverá criar condições que facilitem e motivem a aprendizagem da leitura e da escrita, pois é com essa competência que há maior facilidade de adquirir outros conhecimentos e habilidades que possam promover oportunidades, valorizando o desenvolvimento social e educacional do aluno.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua texto e ensino: outra escola possível**– São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- AZEREDO, Felipe Costa; PIZETTA, Adelar João. **O processo ensino aprendizagem da Leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental**, 2016. 75f. Dissertação de mestrado – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2016. Disponível no site www.faceli.edu.br/arquivo/pdf acesso dia 06/10/2021.
- BENTO, Ana Patrícia Afonso Completo. **Dificuldade de aprendizagem específicas da leitura e da escrita e o contributo da estimulação da consciência fonológica: Perspectivas e Práticas dos Docentes do 1.º e do 2.º Ano de Escolaridade. Estudo de Caso.**(ISEC) Instituto Superior de Educação e Ciências–2016. Disponível no site: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.2620276/1/pdf> acesso dia 05/09/2020.
- BRASIL. MEC. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização do documento: Jeanet Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento.** – Brasília: FNDE, Estação Gráfica 2006.
- BRASIL Brasília. **Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Portuguesa.** 3ª ed., v.2. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRASIL Brasília. **PRÓ-LETRAMENTO:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem. - ed. Rev. e ampl. Incluindo SAEB/ Prova Brasil, matriz de referência. – Brasília: MEC/SEB, 2007.
- BRENDLE, Ângela. **Família no contexto escolar: sua participação no processo de aprendizagem.** - (UFSM) RS 2013. Disponível no site: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendle-Angela/pdf> acesso dia: 17/07/2020.
- CORDEIRO, Jaime. **Didática.** – 2. Ed. – São Paulo contexto 2010.
- COSTA, Tereza Cristina de Oliveira. ET.al. **A psicopedagogia e a família no processo ensino aprendizagem.** Revista científica multidisciplinar. Núcleo do conhecimento ano 03. Ed.09 vol.1 pp.35-50 – 09/2018. Disponível no site: WWW.nucleodoconhecimento.com.br/...psicopedagogia acesso dia:30/08/2020.
- CUNHA, Norival Carvalho. **O Desenvolvimento do Aprendizado é a Construção do Saber.** Cadernos da Fucamp, v13 n.19 p.73-81 2014. Disponível em: WWW.fucamp.edu.br/editora/index.php/ acesso dia:17/07/2020.
- FERREIRA, Marco; HORTA, Inês Vasconcelos. **Leitura - Dificuldades de aprendizagem, ensino e estratégias para o desenvolvimento de competências. Da investigação às práticas.** 5(2) p.144-154 – set/2014. Disponível: no site: <https://www.scielo.mec.pt/pdf/inp/v5n2/> acesso em 05/09/2020.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor de Educação Infantil / Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora. – São Paulo: Blucher, 2012. – (Coleção Interações).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GARCIA, Walter Esteves. **Educação visão teórica e prática pedagógica**. Brasília: Liber Livro 2012.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**, 6ª edição, São Paulo, Atlas, 2008.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RÚBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social**. Revista Eletrônica Saberes da Educação v. 4 – nº 1 2013. Disponível no site: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicações/pdf/acesso> em 05/ 03/ 2020.

LOPES, Terezinha Aparecida Martins. **Dificuldade de Aprendizagem na Alfabetização**, Curitiba – 2016. Disponível no site <https://acervodigital.ufpr.br/btstream/handlepdf/acesso> dia 06/10/2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico** – 1. Ed – São Paulo: Cortez, 2011.

MATTER, Josiane Adrieli. **A interdisciplinaridade nos anos iniciais do ensino fundamental**. (UNIJUI) – Santa-Rosa - RS 2012. Disponível no site: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/btstream/handlepdf/acesso> dia: 17/07/2020.

MELO, Maria Valdenir Nascimento de. **Desenvolvimento da leitura e da escrita nas séries iniciais**. UNISANTA – vol.3 nº 2/2014. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/articledownload/334> / acesso em: 05/03/2020.

OLIVEIRA, Lourdes Aparecida de. **O processo de alfabetização: leitura e escrita nos anos iniciais**. Faculdade de ciências sociais e agrárias de Itapeva – SP Nov/2014. Disponível: <https://fait.revista.inf.br/imagens-arquivos/arquivos-destaque/> acesso dia 05/09/2020.

REBELLO, Ilana da Silva. **O papel social da leitura e da escrita: a questão do letramento**. Caderno Seminal Digital UFF (JUL-DEZ 2015) Disponível em: www.publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/acesso em: 05 /03 /2021.

SALVADOR, C. Coll. **Psicologia do ensino**. [et al.]; trad. Cristina Maria de Oliveira. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. – 8. Ed. rev. – Campinas, SP: autores associados, 2003. SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática** / Suzana Schwartz. – 2. ed – Petrópolis, RJ : Vozes 2012.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática** / Suzana Schwartz. – 2. ed – Petrópolis, RJ : Vozes 2012.

SENNA, Luiz Antônio Gomes. **Letramento: princípios e processos**. – Curitiba: Ibepex, 2009.

SILVA, Carlos Alberto. **Leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Olinda**. / PE 2013. Rev. Int. Investig. Cienc. Soc. Disponível em: <https://SciELO.riics.una.py/pdf/acesso> dia: 08/11/2019.

SILVA, Ana Maria Macedo. **Práticas de leitura e escrita nas séries iniciais: conceitos estratégias e experiências**. (UEPB) - Guarabira - PB 2014. Disponível em: www.https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/pdf/ acesso dia: 17/07/2020.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. - Belo horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Audrey Pietrobelli de; ROSSO, A. José. **Mediação e zona de desenvolvimento proximal (ZDP): entre pensamentos e práticas docentes**. Congresso Nacional de Educação Educere, Pontifícia universidade católica de PR-Curitiba. - Nov/2011. Disponível no site: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf-4604-3097-pdf/acesso> dia: 05/05/2020.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário é parte integrante de Trabalho de Conclusão de Curso, de Pedagogia, da Faculdade de Itaituba- FAI, intitulado "Desafios da leitura escrita no processo de ensino- aprendizagem nos Anos Iniciais".

Questionários para professor(a).

Identificação:

*Sexo: _____ * Idade: _____

*Graduação: Área: _____

*Pós- graduação: _____

* Quanto tempo trabalha na educação? _____

*Tempo de trabalho nesta escola? _____

* Já trabalhou em outra instituição escolar? _____

1. Para você, o que significa a linguagem da leitura e escrita para o sujeito?

2. Quais os desafios da leitura e escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

3. Quais metodologias são utilizadas para o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita?

4. O lúdico tende a facilitar a aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais? Por quê?

5. A escola está preparada para desenvolver a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta.

6. Como você lida com as dificuldades de aprendizagem dos alunos?

7. Os pais contribuem para a educação e aprendizagem de seus filhos? Comente.

Obrigada!